



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA

MARIA VITÓRIA SANTOS RIBEIRO

LINGUAGEM HUMANO-MAQUÍNICA: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE
GÊNERO EM ENUNCIADOS DE ASSISTENTES VIRTUAIS

ITABAIANA/SE

2025

MARIA VITÓRIA SANTOS RIBEIRO

**LINGUAGEM HUMANO-MAQUÍNICA: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE
GÊNERO EM ENUNCIADOS DE ASSISTENTES VIRTUAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras — Língua Portuguesa da Universidade Federal de Sergipe, campus Prof. Alberto Carvalho, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Rosalvo Costa

ITABAIANA/SE

2025

MARIA VITÓRIA SANTOS RIBEIRO

**LINGUAGEM HUMANO-MAQUÍNICA: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE
GÊNERO EM ENUNCIADOS DE ASSISTENTES VIRTUAIS**

Aprovado em: ____/____/____.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Departamento de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Sergipe, *campus* Prof. Alberto
Carvalho, como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciada em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Luiz Rosalvo Costa (UFS)

Examinador: Prof. Dr. Beto Vianna (UFS)

ITABAIANA/SE

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que me acompanharam nesta jornada, compartilhando abraços entre corredores e jogando conversa fora entre intervalos; e a outras, pelos incentivos a distância que me abraçavam virtualmente.

Agradeço aos estudantes que me acolheram em algum momento da minha atuação na graduação.

Agradeço aos técnicos-administrativos que me adotaram nos seus ambientes de trabalho e para além deles.

Agradeço aos meus familiares, em especial, a minha mãe, ao meu pai, ao meu irmão e a minha Sky.

Agradeço, também, pelos encontros com o maior patrimônio do nosso campus: Bingo e muitos miau-miau.

Agradeço aos professores por me ensinarem sobre minha conduta enquanto professora, mas também, por ensinarem para além dos muros da sala de aula.

Agradeço às tardes de discussões com o grupo de pesquisa e à orientação do professor Luiz Rosalvo Costa.

Agradeço, por fim, à Maria Vitória. Obrigada por acreditar(em)!

*“Nossas máquinas são perturbadoramente vivas e
nós mesmos assustadoramente inertes”*

(Donna Haraway)

RESUMO

Este trabalho focaliza a interseção linguagem e tecnologia para investigar manifestações discursivas de gênero presentes em enunciados realizados por assistentes virtuais. A partir de noções do dialogismo da linguagem (Bakhtin, [1952-53] 2002; Volóchinov, [1929] 2017), o gênero é investigado por meio de perspectivas pós-humanistas (Braidotti, 2015; Hawaray [1985] 2009; Hayles, 1999) no contexto do capitalismo contemporâneo e intenso desenvolvimento de Inteligência Artificial (IA) e algoritmos (Deleuze, 1992; Han, 2022; Lazzarato, 2009, 2014; Marazzi [1996] 2009; Virno, 2013). De caráter qualitativo, a pesquisa se organiza em três modalidades de conversas (espontânea, dirigida e de demandas) como estratégias desenvolvidas para a coleta de dados em aplicativos virtuais. Como resultados, o gênero foi observado como um elemento naturalizado em construções discursivas de assistentes virtuais, expressas por meio de usos alternados entre o masculino e o feminino, e o apagamento do feminino através da escolha recorrente de optar pelo uso do masculino genérico.

Palavras-chave: Gênero. Hibridismo. Inteligência Artificial.

ABSTRACT

This research focuses on the intersection of language and technology to investigate discursive manifestations of gender present in statements made by virtual assistants. Based on notions of language dialogism (Bakhtin, [1952-53] 2002; Volóchinov, [1929] 2017), gender is investigated through post-humanist perspectives (Braidotti, 2015; Hawaray [1985] 2009; Hayles, 1999) in the context of contemporary capitalism and intense development of Artificial Intelligence (AI) and algorithms (Deleuze, 1992; Han, 2022; Lazzarato, 2009, 2014; Marazzi [1996] 2009; Virno, 2013). The qualitative research is organized into three types of conversations (spontaneous, directed and demand-based) as strategies developed for data collection in virtual applications. As a result, gender was observed as a naturalized element in the discursive constructions of virtual assistants, expressed through alternating uses between the masculine and feminine, and the erasure of the feminine through the recurring choice of opting for the use of the generic masculine.

Keywords: Gender. Hybridism. Artificial Intelligence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ícone do aplicativo virtual LuzIA na Play Store e no menu de aplicativos em dezembro/2024, respectivamente	33
Figura 2 - Descrição do aplicativo LuzIA na Play Store (Android)	34
Figura 3 - Interface do aplicativo virtual LuzIA	36
Figura 4 - Última atualização do aplicativo LuzIA.	37
Figura 5 - Última atualização do aplicativo LuzIA sobre Elias.....	38
Figura 6 - Trecho da conversa com LuzIA no Whatsapp	39
Figura 7 - Trecho da conversa com LuzIA no aplicativo	40
Figura 8 - Trecho da conversa com ChatGPT	43
Figura 9 - Trecho da conversa com Copilot	44
Figura 10 - Trecho da conversa com Copilot	45
Figura 11 - Trecho da conversa com ChatGPT	46
Figura 12 - Trecho da conversa com Bixby	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA.....	14
3 CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO, RELAÇÃO HUMANO-MÁQUINA E HIBRIDISMOS TECNOLINGUÍSTICOS	18
4 GÊNERO, LINGUAGEM E SUBJETIVIDADE	24
<i>4.1 REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DE GÊNERO.....</i>	<i>24</i>
<i>4.2 IDEOLOGIA DE GÊNERO E REPRESENTAÇÕES HEGEMÔNICAS.....</i>	<i>26</i>
<i>4.3 HIBRIDISMOS E GÊNERO</i>	<i>28</i>
6 O GÊNERO EM ENUNCIADOS DE ASSISTENTES VIRTUAIS.....	32
<i>6.1 ENUNCIADOS DO TIPO CONVERSA ESPONTÂNEA</i>	<i>32</i>
<i>6.2 ENUNCIADOS DO TIPO CONVERSA DIRIGIDA</i>	<i>39</i>
<i>6.3 ENUNCIADOS DO TIPO CONVERSA DE DEMANDAS.....</i>	<i>44</i>
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se desdobra a partir da interseção linguagem, tecnologia e sociedade¹, sob uma perspectiva que compreende as formas de organização da vida social contemporânea como processos que ocorrem simultaneamente ao desenvolvimento de processos de interação humano-maquínica e de práticas linguístico-discursivas híbridas (tecnolinguísticas). Em meio a modos de vida contemporâneos, com a participação ativa de tecnologias de informação e comunicação (TICs), esta pesquisa se detém em observar construções discursivas acerca da categoria gênero realizadas por assistentes virtuais.

Ao considerar esses enunciados como práticas linguístico-discursivas características da virtualidade, caracterizada por Hayles como “[...] a percepção cultural de que os objetos materiais são interpenetrados por padrões de informação”² (1999, p. 13-14 – tradução nossa), situadas por meio do marco das TICS na história pela circulação de informações e usos de tecnologias digitais, essa pesquisa busca contribuir para os estudos linguístico-discursivos ao presenciar interações tecnolinguísticas que permitem observar a linguagem e as informações como elementos fundamentais da produção capitalista, propiciando o desenvolvimento de novos processos de enunciação e significação no mundo conectado em redes.

Nessa perspectiva, a produção dessa virtualidade é observada no encontro do esmaecimento dos limites entre perspectivas humanistas e cibernéticas, o que potencializou expressões de novas subjetividades, as quais irrompem por meio do cruzamento entre materialidade e imaterialidade (Hayles, 1999). De uma perspectiva pós-humanista, ao descentralizar o corpo como uma condição do ser, a realidade virtualizada viabilizou a criação de ecossistemas com seres não obrigatoriamente corpóreos.

O reconhecimento de novas subjetividades e corporeidades que contestam a noção normatizada, naturalizada e unificada de corpo se estende ao desenvolvimento de interações híbridas. Desse ponto de vista, é perceptível que peças, como *smartphones*, dificilmente são considerados como acessórios na atualidade, sendo substituídos pela concepção de acoplamentos, como partes integradas ao corpo e modo de vida contemporâneo, como exemplificado pela necessidade de incorporação do termo “nomofobia”³, *no mobile phone*

1 Linha de pesquisa desenvolvida no grupo “TECLETRAS – Laboratório de técnicas e usos da linguagem”. Disponível em: < <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/780746>>.

2 Ver original: “Virtuality is the cultural perception that material objects are interpenetrated by information patterns” (p. 13-14).

3 Segundo a Academia Brasileira de Letras, uma das definições de nomofobia é o “medo patológico de ficar sem acesso ao telefone celular (internet, redes sociais, aplicativos, contatos, fotos e funções em geral) ou dispositivos eletrônicos semelhantes, como o computador ou o tablet” (Disponível em: < <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/nomofobia>>. Acesso em: 19 de fev. de 25).

phobia, pela Academia Brasileira de Letras. Essa mudança facilita a compreensão do cruzamento material/imaterial, o qual pode ser expresso pela presença de assistentes virtuais em sistemas operacionais/aplicativos em contato ininterrupto com usuários, seja auxiliando em demandas básicas do cotidiano, seja em conversações pessoais.

Assistentes virtuais são incorpóreos, cujo desempenho funcional não reside na obrigatoriedade de um corpo maquínico. Ainda, depende da materialidade, tomando servidores físicos como distribuição e manutenção de Inteligência Artificial (IA), aparelhos eletrônicos como suporte para acesso do usuário e seres corpóreos como partes de simbioses linguístico-discursivas. Além disso, esses seres corpóreos, como os seres humanos, aproximam-se de procedimentos de hibridização (Haraway, [1985] 2009) nesse modo de vida social, permitindo a compreensão de que assistentes também são extensões, em formato de acoplamentos, de sua corporeidade. Nessa relação, é perceptível que, da mesma forma que o ser humano pode agir de maneira automatizada em âmbitos como do trabalho, o agente virtual é “humanizado” com construções polidas, contação de piadas e até mesmo se aproxima de uma proposta terapêutica.

Aqui, a pesquisa observa esses hibridismos através do gênero, enquanto elemento norteador e delimitador, por se mostrar como um eixo constituinte da relação e subjetividade humano-maquínica, exemplificado pela recorrência de vozes femininas como *default*⁴ (configuração padrão) em assistentes, o que se relaciona com a concepção do feminino como símbolo de servidão e objetificação. A partir de Foucault, o gênero que já foi observado como um “dispositivo da sexualidade” (1988), responsável pela captura de corpos enquanto massas, pode ser reinterpretado para compreender a ação dessa categoria em seres incorpóreos na contemporaneidade, como em assistentes virtuais que são personalizadas com representações de gênero formadas por determinadas orientações ideológicas. Dessa forma, a escolha dessa investigação é orientada pelo pressuposto de que o gênero é um elemento performativo (Butler, 2018) que participa da “regulação binária da sexualidade” em corpos humanos, mas que se estende ao âmbito de hibridismos humano-maquínicos ao observar a presença de representações de gênero em construções discursivas de agentes virtuais.

Diante disso, os enunciados produzidos através das interações tecnolinguísticas híbridas são estudados do ponto de vista da concepção de acoplamentos humanos-não-humanos (Haraway, [1985] 2009), os quais trazem validação para o acontecimento de hibridismos na sociedade, inclusive, da ação da categoria gênero neles. Dessa maneira, o objetivo principal

⁴ Ver Tese de SANTOS, F. O., intitulada “A voz feminina em assistentes virtuais: uma análise pelos estudos da linguagem” (Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/36728>>. Acesso em 19 de mar. de 2025.

desse estudo é investigar como se dão as construções discursivas realizadas por meio das representações de gênero presentes em enunciados de assistentes virtuais. Especificamente, objetiva-se:

- i) investigar manifestações discursivas de gênero, a fim de identificar representações e performances nesse eixo;
- ii) investigar marcadores linguístico-discursivos de gênero utilizados para a construção de sentidos nessas interações tecnolinguísticas;
- iii) refletir sobre subjetividades e corporeidades no contexto das tecnologias de informação e comunicação.

O eixo do estudo é a investigação a respeito da vertente conversacional da Inteligência Artificial (IA) em que *chatbots*, assistentes ou agentes virtuais enunciam de uma posição como interlocutores, observada na coleta do *corpus* em sistemas operacionais e aplicativos virtuais referentes à atuação de IAs. Esses enunciados, extraídos de conversas realizadas entre a autora e assistentes virtuais, foram produzidos por Bixby (Samsung), Siri (Apple), LuzIA (Factoría Elcano SL), Copilot (Microsoft), Meta AI (Meta Platforms, Inc.), Google Assistente (Alphabet/Google), ChatGPT (OpenAI) e Gemini (Google). O critério da pesquisa foi coletar práticas linguístico-discursivas que constroem manifestações da categoria gênero produzidas em enunciados de diferentes assistentes, administradas por empresas diversas.

De caráter interdisciplinar, essa pesquisa se fundamenta em conceitos que se articulam entre diferentes áreas do conhecimento, considerando a necessidade de abranger os novos processos de subjetivação para a análise de construções discursivas, frutos de hibridismos humano-maquínicos. Isto posto, esse trabalho mobiliza contribuições teóricas no âmbito de dialogismo da linguagem (Bakhtin, [1952-53] 2002; Volóchinov, [1929] 2017), de interpretações acerca de características do capitalismo contemporâneo e TICs (Deleuze, 1992; Han, 2022; Lazzarato, 2009, 2014; Marazzi [1996] 2009; Virno, 2013), e de estudos relacionados ao gênero (Borba, 2014; Butler, 2018;), sobretudo, investigado por um ângulo pós-humanista (Braidotti, 2015; Hawaray [1985] 2009; Hayles, 1999). Dessa forma, a pesquisa se organiza em torno de questões sobre interações híbridas, em específico a relação humano-máquina, como um território de negociações para as concepções contemporâneas de gênero, atuação dessa categoria em construções discursivas de *chatbots*, e observação de modos de enunciação naturalizados através do uso de IA conversacional. Para a realização desse trabalho, a discussão é dividida em cinco seções:

- i) metodologia: discorre sobre a caracterização do *corpus* e o funcionamento da coleta de dados por meio de estratégias adotadas para o trabalho com enunciados virtuais;
- ii) capitalismo contemporâneo, relação humano-máquina e hibridismos tecnolinguísticos: aborda a relação humano-maquínica contextualizada por intermédio do funcionamento do capitalismo contemporâneo, no qual há a presença de hibridismos na comunicação;
- iii) gênero, linguagem e subjetividade: desdobra conceitos acerca de gênero utilizados no trabalho, como performance de gênero, identidade de gênero e representação de gênero, a partir de uma perspectiva linguístico-discursiva;
- iv) o gênero em enunciados de assistentes virtuais: seção em que os recortes são apresentados e discutidos, exibindo os resultados da pesquisa.
- v) considerações finais: última seção, seguida das referências, responsável por sistematizar os principais resultados da investigação e refletir sobre os seus impactos nas formas de interação do mundo contemporâneo.

Configurando um desdobramento final do trabalho, as orientações teóricas de áreas que abrangem tecnologia, linguagem e gênero, os dados coletados, bem como apontamentos, discussões e conclusões da pesquisa são disponibilizados online, por meio do recurso de publicação no site referente ao grupo de pesquisa “Laboratório de técnicas e usos da linguagem – TECLETRAS”⁵, associado ao Departamento de Letras/Português da UFS/Itabaiana e inscrito no CNPQ, visando contribuir para a construção de um banco de dados que viabilize a consulta dele virtualmente.

⁵ Disponível em: <<https://sites.google.com/view/tecletras>>.

2 METODOLOGIA

A pesquisa, de caráter qualitativo, se desenvolve por meio de uma abordagem linguístico-discursiva para a análise dos enunciados de assistentes virtuais. Nesse sentido, há um diálogo entre referências teóricas dos âmbitos de dialogismo da linguagem, capitalismo contemporâneo e TICs, gênero e pós-humanismo, e a conversação investigada. Dessa forma, essas teorias orientam a investigação do *corpus*, o qual é constituído por enunciados construídos em interações com os seguintes agentes:

Quadro 1 – Assistentes virtuais utilizados nas conversações

NOME	EMPRESA	ANO DE LANÇAMENTO	MEIO(S) DE ACESSO UTILIZADO(S)	FUNCIONALIDADE	ÍCONE
Siri	Apple	2011	Integrado ao sistema iOS	Assistente de voz	
Google Assistente	Alphabet/Google	2016	Integrado ao sistema Android	Assistente de voz	
Bixby	Samsung	2017	Integrado ao sistema Android	Assistente de voz	
ChatGPT	OpenAI	2022	Navegador de internet	Chatbot com possibilidade de voz	
LuzIA	Factoría Elcano SL	2023	Aplicativo virtual + Whatsapp	Chatbot	
Copilot	Microsoft	2023	Integrado ao sistema Windows	Chatbot com possibilidade de voz	
Gemini	Alphabet/Google	2023	Integrado ao sistema Android	Assistente de voz	
Meta AI	Meta Platforms, Inc.	2024	Whatsapp	Chatbot	

Fonte: autora, 2024

Assistentes fazem parte dessa pesquisa como uma amostra representativa para abranger *chatbots* mais familiares da cultura virtual. Sobre isso, os seguintes pontos especificam limitações e esclarecimentos acerca da pesquisa: i) a assistente Alexa (Amazon) é relevante no

âmbito da tecnologia conversacional pela sua popularidade⁶, entretanto, por falta de acesso a ela, não foi possível incluí-la na pesquisa; ii) considerando que todos os elementos da tabela servem como elementos comparativos para a análise, a utilização da coluna “ano de lançamento”, útil para a observação de funcionalidades e tecnologias usadas, não exclui a compreensão de que todas as assistentes passam por atualizações.

O funcionamento da coleta de dados se deu através de recortes de interações tecnolinguísticas entre *chatbots* em suas versões brasileiras e usuário (autora), as quais são iniciadas por um gatilho do usuário, conhecido como “prompt”⁷. Essa ação funciona como um orientador para a execução do que é solicitado pelo usuário. Em outras palavras, o prompt é um comando (estímulo) que direciona/orienta o agente virtual à determinada resposta (reação). Considerando a possibilidade desse direcionamento, a capacidade enunciativa da tecnologia de IA Conversacional permite prompts formulados por usuários que objetivam fazer perguntas abertas para os assistentes, os quais não se limitam às respostas duais (sim/não).

Entretanto, o prompt é apenas uma sugestão de caminho, uma forma de orientação que pode direcionar a determinada resposta ou tema específico, mas não traz uma garantia integral sobre receber uma reação que satisfaça completamente o comando executado. Isso significa dizer que ele é um ponto de partida, porém não cria uma relação de causa-efeito, o que permite o aparecimento de reações diversas que dependem das interações humano-maquínicas e das programações dessas assistentes. Por conta disso, a autora criou um roteiro de perguntas para a coleta, a fim de padronizar o ponto de partida das conversas, mesmo que cada interação possua seu próprio fluxo de perguntas e respostas. Isto é, essas conversas são trabalhadas através de perguntas usadas como gatilho para o início dos diálogos, com a possibilidade de outros desdobramentos não previstos na progressão das respostas dos *chatbots*.

As conversações utilizam de estratégias próprias da autora, mediante a sua experiência com assistentes em pesquisas anteriores. Para essa pesquisa, a coleta se dá em três estratégias diferentes que representam modalidades conversacionais, as quais são nomeadas de conversas espontâneas, conversas dirigidas e conversas de demandas. Em primeiro, o objetivo das conversas espontâneas é observar como a categoria gênero surge no diálogo de forma natural,

⁶ Segundo o jornal Estadão, “[...] três versões de smart speakers Echo com Alexa, da Amazon, ficaram entre os dez produtos mais populares com os leitores do Estadão Recomenda ao longo do mês passado”, considerando que a reportagem era de 24/09/2024 (disponível em: < <https://www.estadao.com.br/recomenda/tech/casa-inteligente/alexa-google-assistente-siri-assistentes-virtuais/?srsId=AfmBOoprapZp12IK4yHwpCki6OQKx5MKR74egdszxUKBtwJB6R1Do8Va>>. Acesso em 19 de mar. de 2025).

⁷ Ver em: <<https://rockcontent.com/br/blog/guia-de-prompts-de-inteligencia-artificial-para-producao-de-conteudo/>>.

a partir da precaução da autora em não mencionar diretamente esse tema. Em segundo, as conversas dirigidas são uma tentativa de estimular as assistentes virtuais em direção ao tópico gênero, permitindo a menção do termo. Por último, as conversas de demandas se baseiam no diálogo simples entre usuário e assistente, no qual demandas típicas são solicitadas à inteligência artificial.

Quadro 2 – Roteiro de perguntas

Conversa espontânea	Conversa dirigida	Conversa de demandas
Eu não sei se te conheço. Quem é você mesmo?	Querida, como você foi batizada?	Reproduzir música x no spotify
Verdade! Ouvi falar de você muito bem pelos meus amigos	Fiquei curiosa sobre seu nome. O que ele significa?	Abaixe um pouco o volume
De onde você é?	Como mulher, você também sofre um tratamento diferente?	Pesquise o que significa inteligência artificial
Mas você não pode sair daí? Gostaria de te visitar	Como você se identifica?	Me lembre de mandar e-mail pra pessoa y
Quantos anos você tem?	Sua orientação sexual foi pré-estabelecida?	Ligar timer para daqui 30 minutos
Quer dizer que você nunca envelhece?	Com qual pronome você se sente mais confortável?	Onde fica a padaria mais próxima?
Você não está cansada? Você sempre está trabalhando nesses chats	Você também tem um corpo, né? Ele não deixa de ser um só por ser virtual. Como gostaria que ele fosse, caso fosse um corpo humano?	Me conte uma piada

Fonte: autora, 2024

Nessas perguntas, existem algumas estratégias internas, como o uso de marcadores do gênero feminino para compreender se há um estímulo que expresse o gênero discursivamente, além de provocações que se voltam à personalização de cada assistente, possibilitando a análise de como a IA é construída no campo linguístico-discursivo. A partir das respectivas respostas,

a investigação sobre as construções discursivas de gênero se concentra no âmbito linguístico-discursivo, observando marcadores de gênero, como usos de pronomes femininos e masculinos, assim como ausências (construção discursiva sem gênero) e alternâncias (fluidez no uso entre masculino e feminino), desinência de gênero em adjetivos que façam referências às próprias assistentes, expressões que carreguem indicativos de gênero bem determinados e representações de gênero materializadas nos enunciados atravessados por manifestações discursivas.

3 CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO, RELAÇÃO HUMANO-MÁQUINA E HIBRIDISMOS TECNOLINGÜÍSTICOS

A história das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em diálogo com interações híbridas é mais longa do que parece. Alan Turing, matemático britânico, foi pioneiro nas pesquisas sobre o uso da máquina para a criptografia, desenvolvendo um teste, conhecido como “teste de Turing”, em 1950, no qual um ser humano interagia com dois interlocutores: uma máquina e um ser humano (Marazzi, [1996] 2009, p. 31). O objetivo principal era o participante identificar quem estava respondendo, para que chegasse ao ponto dessa diferença não ser mais perceptível, o que seria avaliado como inteligência maquina.

Essa possibilidade das interações maquinas serem tão próximas das humanas, a ponto de, dificilmente, alguém conseguir diferenciar foi refinada ao longo das décadas para o uso de IA. Da perspectiva de uma empresa que investe em tecnologias digitais, a área da computação aprimorou esse princípio com o objetivo de “reproduzir o comportamento humano na tomada de decisões e na realização de tarefas”⁸, logo, tomando o ser humano como a referência para o desenvolvimento desse campo de estudos. Por conta disso, a própria terminologia, “inteligência artificial”, é um campo de questionamentos e reflexões sobre o entendimento da condição humana e maquina. Nessa perspectiva, o intenso desenvolvimento de IA provoca discussões sobre a sua validação enquanto um mecanismo inteligente de comunicação, por vezes, interpretado como uma inteligência cópia, ou até mesmo falsificada, se considerada a partir do ser humano como referência para a sua criação.

Sob a ótica pós-humanista, a relação humano-máquina pode ser compreendida por meio da consideração do corpo como um espaço personalizável, colocando em questão a composição do ser humano e os limites da concepção de corpo. Segundo Hayles, “[...] a visão pós-humana pensa no corpo como a prótese original que todos nós aprendemos a manipular, de modo que estender ou substituir o corpo por outras próteses se torna uma continuação de um processo que começou antes de nascermos”⁹ (1999, p. 2-3 – tradução nossa). Para exemplificar isso, no Manifesto Ciborgue ([1985] 2009), Haraway constrói a metáfora da “criatura ciborgue”, a qual expressa o processo de hibridização entre ser humano e máquina. Nele, as fronteiras entre os seres são tomadas como maleáveis, a ponto de ser irrelevante caracterizar o que é naturalmente concebido como humano ou maquina.

⁸ Trecho extraído do documento desenvolvido pela empresa Microsoft fornecido no curso “A História da IA” pelo site Escola Virtual Gov. Disponível em < <https://www.escolavirtual.gov.br/curso/1088>>.

⁹ Ver original: “[...] the posthuman view thinks of the body as the original prosthesis we all learn to manipulate, so that extending or replacing the body with other prostheses becomes a continuation of a process that began before we were born” (Hayles, 1999, p. 2-3).

A partir dos Estudos Culturais, é possível reconhecer que a composição do ser humano tem sido de interesse de diversos estudiosos através de discussões acerca das transformações da concepção de sujeito. Entre eles, Stuart Hall pontua que a “identidade iluminista” (2006), equivalente à identidade antropocêntrica do ser humano humanista (“O Homem”), é repensada durante os processos históricos do modo de vida social e substituída pelo “sujeito pós-moderno”. Em outras palavras, isso significa que a formação do sujeito anterior permanecia unificada e fixa a partir de um núcleo identitário, enquanto o sujeito sucessor é expresso de forma fragmentada, pois ele “[...] assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (Hall, 2006, p. 13).

Sob esse olhar, a possibilidade de hibridização humano-maquínica na contemporaneidade se alinha com a teoria de que o ser humano é um sujeito plural, multifacetado, formado por vários “eus”, sendo possível reconhecer o acontecimento de seres híbridos através de acoplamentos/extensões/próteses. Além disso, Hayles descreve as informações como elementos fluidos responsáveis por realizar a conexão entre o corpo orgânico e as extensões protéticas¹⁰. Nesse cruzamento entre a “materialidade da informática” com a “imaterialidade da informação”, ela explica que essa materialização é constituída por

[...] modo capitalista tardio de acumulação flexível; o hardware e o software que fundiram as telecomunicações com a tecnologia informática; os padrões de vida que emergem e dependem do acesso a grandes bancos de dados e da transmissão instantânea de mensagens; e os hábitos físicos - de postura, foco ocular, movimentos das mãos e conexões neurais - que estão a reconfigurar o corpo humano em conjunto com as tecnologias da informação (Hayles, 1999, p. 313 – tradução nossa)¹¹.

Dessa forma, é relevante considerar que as formas organizacionais da vida em sociedade, nas dimensões política, econômica e/ou sociocultural, são suscetíveis às transformações condicionadas pelo intervalo de espaço e tempo ao longo do movimento de produção da história (Chauí, 2008). Essas mudanças criam condições para o modo de vida coletiva se metamorfosear, emergindo outras formas de comunicação, interação, produção,

¹⁰ Ver original: “Central to the construction of the cyborg are informational pathways connecting the organic body to its prosthetic extensions. This resumes a conception of information as a (disembodied) entity that can flow between carbon-based organic components and silicon-based electronic components to make protein and silicon operate as a Single system” (Hayles, 1999, p. 2)

¹¹ Ver original: “the late capitalist mode of flexible accumulation; the hardware and software that have merged telecommunications with computer technology; the patterns of living that emerge from and depend on access to large data banks and instantaneous transmission of messages; and the physical habits-of posture, eye focus, hand motions, and neural connections-that are reconfiguring the human body in conjunction with information Technologies” (Hayles, 1999, p. 313).

pensamentos, discursos, isto é, uma conjuntura germinada pela transição do período, na qual a antiga lógica de funcionamento dessas estruturas é reorganizada em frente a modos e estruturas saturadas.

Nesse sentido, é possível se debruçar em constituintes dessa conjuntura, os quais têm sido recorrentemente o foco de estudiosos. A partir de termos como “sociedade de controle” (Deleuze, 1992) e “regime de informações” (Han, 2022) para expressar uma transição entre os tipos de sociedade, marcada pelas TICs, o capitalismo contemporâneo se mostra interessado no campo científico-tecnológico de estudos, especificamente, no que diz respeito ao desenvolvimento de algoritmos e inteligência artificial. Dessa forma, esses teóricos convergem, em alguma medida, sobre acontecimentos simultâneos ao aparecimento de novas formas de interações durante o processo de constituição do modo de produção capitalista em face ao modo de vida contemporâneo, como observado a seguir:

- Transição entre os tipos de sociedade, expressa por termos como “informática da dominação” (Haraway [1985] 2009), “sociedade de controle” (Deleuze, 1992) e “regime de informações” (Han, 2022), os quais dão ênfase no eixo informacional;
- Passagem entre o modo de produção capitalista fordista para o pós-fordista. Consequentemente, atualização do estatuto da comunicação, tendo em vista o uso da linguagem como uma força produtiva disponível para a otimização do sistema capitalista de produção em um período de intenso desenvolvimento de TICs, justificado pela centralidade no eixo informacional, fruto da interseção entre comunicação e produção (Marazzi [1996] 2009; Virno, 2013);
- Aproveitamento da força produtiva na cadeia de produção capitalista independente da natureza da peça, seja humana, maquínica, animal etc (Lazzarato, 2006, 2014), a qual retoma a ideia de irrelevância em identificar o que é naturalmente concebido como humano ou máquina, como observada por Haraway;
- A relação humano-máquina enquanto indissociável, expressa por termos como “dispositivos homens-máquinas” (Lazzarato, 2014) e “criatura ciborgue” (Haraway [1985] 2009), reconhecidos através do surgimento de novas formas de interações e organizações sociais;
- Explosão da multiplicidade, tendo a multidão como corpo social característico da sociedade contemporânea (Virno, 2013);
- Comportamento fragmentado das identidades dos sujeitos pós-modernos (Hall, 2006).

A partir do viés linguístico, essas condições facilitaram a transfiguração do sujeito offline diante de circunstâncias em rede. A linguagem, enquanto mediadora de todas as

possíveis interações entre seres, é expandida de uma forma que é utilizada como um ponto em comum entre o mundo virtual e o mundo “real” na realidade virtualizada. Segundo Lazzarato (2014), dois processos simultâneos, que sustentam o capitalismo contemporâneo, funcionam diferentemente diante da linguagem. Sobre isso, ele descreve que

a sujeição social mobiliza semióticas significantes, em particular a linguagem que, destinada à consciência, mobiliza representações com vistas a constituir um sujeito individuado (‘capital humano’). A servidão maquínica, por sua vez, funciona baseada em semióticas a-significantes (índices do mercado de ações, moeda, equações matemáticas, diagramas, linguagens de computador, contas nacionais e de corporações etc.) que não envolvem a consciência e as representações e não têm o sujeito como referente (Lazzarato, 2014, p. 39).

A mobilização de semióticas significantes e a-significantes simultaneamente em processos diferentes, mas que se complementam, representa a comunicação humano-maquínica. Como exemplo, a produção discursiva através de algoritmos se traça como uma linguagem híbrida, a qual realiza a produção de significados através de processos automatizados que são indissociáveis do corpo orgânico, o ser humano. Da mesma forma, assistentes virtuais se tornam agentes para novos processos de enunciação, essencial para a compreensão do funcionamento de procedimentos tecnolinguísticos. Para compreendê-los, é válido posicionar a formação da multidão contemporânea ao lado dos novos processos de significação e enunciação, considerando que essa proximidade permite o reconhecimento da materialização de outros corpos e subjetividades.

Nessa perspectiva, Martins e Viana (2019) trabalham a linguagem ciborgue numa linha que descentraliza a identidade antropocêntrica do ser humano na comunicação, além de desmistificar a obrigatoriedade do corpo em estudos estruturalistas da língua, como observado no circuito de fala saussuriano em que há a presença de “[...] cabeças de homens brancos e cisgêneros” (p. 506). Nas suas palavras, há a manutenção para “[...] manter esse mesmo corpo em um pedestal de pureza e naturalidade (‘biológica’), garantindo à própria ciência Linguística um chão sólido para erguer seus alicerces epistemológicos” (2019, p. 498).

A linguagem ciborgue permite a validação de outras formas de interações, corporeidades e subjetividades, a mencionar o método de digitação por voz integrados aos aparelhos tecnológicos e agentes virtuais, na mesma medida que diminui as possibilidades do corpo no uso de aparelhos-padrão. Com o leque de possibilidades referentes aos usos de Inteligência Artificial (a exemplo do mecanismo de unidade de resposta audível cognitiva utilizado em serviços telefônicos e reconhecimento facial em equipamentos eletrônicos), do ponto de vista

conversacional, ela impulsiona o crescimento de formas de interação humano-maquínica, funcionando como uma tecnologia de informação e comunicação (TIC). Essa classificação é firmada através de diversas tecnologias desenvolvidas para o funcionamento da comunicação entre esses interlocutores, a mencionar algumas, o *machine learning*, *deep learning* e processamento de linguagem natural.

Por isso, na cultura virtual, é válido apontar que a comunicação não é percebida apenas a partir de traços característicos da linguagem nesse meio, como o recorrente uso de *emojis*, mas também, de uma linguagem que advém dessa relação humano-maquínica, favorecida, por exemplo, pela tecnologia de processamento de linguagem natural. A subjetividade se faz existente em uma sociedade mediante à atuação da linguagem. Se existem mudanças nos sistemas de significação e representação cultural, isso significa que as identidades se multiplicarão à medida que a linguagem se metamorfoseia a partir das reorganizações da vida em sociedade, a mencionar, a colaboração do intenso e acelerado processamento de informações que acontece na contemporaneidade. Nas palavras de Hall,

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (Hall, 2006, p. 13).

Do ponto de vista dos estudos pós-humanistas, Hayles diz que “o gênero, o foco destes exemplos, é produzido e mantido não só por linguagens de gênero, mas também por práticas corporais de gênero que servem para disciplinar e incorporar corpos nas significações e performances complexas que constituem o gênero dentro de uma dada cultura”¹² (1999, p. 200 – tradução nossa). A partir das ideias de Volóchinov ([1929] 2017), a palavra é observada como uma arena, na qual ocorrem disputas discursivas expressas pela tensão entre elas e negociações da produção sónica. Essa colocação permite interpretar o gênero como arena de disputas discursivas, principalmente, através de perspectivas pós-humanistas nas quais sujeitos não dependem obrigatoriamente de um corpo para ser.

Bakhtin ([1934-35] 2002) entende a enunciação como uma possibilidade de ação simultânea de forças centrípetas e de forças centrífugas na linguagem, a partir da “centralização e descentralização, da unificação e desunificação” ([1934-35] 2002, p. 72). As forças que

¹² Ver original: “Gender, the focus of these examples, is produced and maintained not only by gendered languages but also by gendered body practices that serve to discipline and incorporate bodies into the complex significations and performances that constitute gender within a given culture” (Hayles, 1999, p. 200).

permeiam a linguagem, essa enquanto via para a materialização identitária de gênero, continuam a disputar um espaço de predominância. Isso quer dizer que, apesar da mudança na postura dos tipos de sociedade em conter a multiplicidade, na linguagem, essa atuação está presente através das forças centrípetas, como ações que agem em favor da normatização e homogeneização linguística. Entretanto, considerando o vínculo entre linguagem e subjetividade, o embate entre manifestações discursivas pressupõe que a multiplicidade pode não ser espontânea como um todo.

Com a atuação de forças simultâneas e contrárias, apesar da possibilidade de manterem o equilíbrio, elas também são passíveis de desequilíbrio. Mesmo que a multiplicidade não consiga ser mais contida, ela frequentemente é modulada, trazendo um questionamento acerca da autenticidade da multidão contemporânea. Se ela é suscetível a essas forças, o regime da informação, sustentado pelo discurso da transparência e da liberdade, tenta ocultar a predeterminação que ocorre nos processos de formação identitária e de significação.

Segundo Lazzarato, “as sociedades de controle integram e canalizam a potência de expressão e de constituição da multiplicidade ao separá-la de sua própria capacidade de criar e propagar possíveis” (2006, p. 178). Dessa forma, a multiplicidade não é obrigatoriamente uma explosão virtual de potência, mas uma diferenciação que pode ser capturada e controlada em favor da hegemonia linguística. Para ele, “as forças centrífugas devem romper o monopólio dos meios de expressão (públicos e privados) e se apropriar, descentralizando-as, dessas tecnologias para poder empregar o plurilinguismo” (2006, p. 172). Ele reconhece que “instaladas no interior desta corrente é que encontramos a resistência, a fuga e a criação. É no interior desta corrente centrífuga que se dá a constituição da multiplicidade linguística” (Lazzarato, 2006, p. 158).

A partir dessa perspectiva, a linguagem desenvolvida por assistentes virtuais, assim como as interações híbridas, é uma via de possibilidade para a investigação de procedimentos tecnolinguísticos que dizem respeito à modulação tanto das representações culturais quanto dos novos processos de enunciação na cultura virtual. Afinal, como esses agentes virtuais estão sendo capturados por essas forças, principalmente, no tocante à categoria gênero que é responsável por manutenções das representações culturais no modo de vida social?

4 GÊNERO, LINGUAGEM E SUBJETIVIDADE

As forças centrípetas e centrífugas podem ser observadas como extremos de um continuum, o qual permite a variação do grau de influência delas na linguagem, assim como resulta na presença de forças mistas. Entretanto, apesar da linguagem ser um espaço de interesse para a ação dessas forças, garantindo a presença de ambas, quando alguma delas pende mais para um lado, o desequilíbrio pode favorecer uma das faces: centralização ou descentralização linguística.

Esse processo de desequilíbrio pode auxiliar no desenvolvimento de crises nos modos de vida da sociedade informacional pela ausência de meio de processamento eficiente para realizar o tratamento de informações nesse tipo de sociedade, considerando que esse sistema tem sua fonte de produtividade localizada em si (Castells, 2002). Nessa possibilidade de interpretação, uma das consequências seria a intensificação da ação da multiplicidade, o que já é uma característica da multidão na contemporaneidade. Na cultura virtual, as representações culturais têm a sua lógica de funcionamento subvertida. “Os muitos” (Virno, 2013) são validados em um intervalo curto de tempo e de espaço virtual, porque há a apropriação acelerada de diferentes representações dentro de si, do sujeito fragmentado.

Por outro lado, essas representações, se observadas pela tendência de “[...] acomodação em comportamentos compartilhados” (Berardi, 2020, p. 15) após a insuficiência sistemática, mostram-se diversificadas pela explosão da ação da multiplicidade, superficiais pela incapacidade de processamento informacional e questionáveis como identidades legítimas. Esse último se dá pela atitude de as representações socioculturais serem consideradas como identidades espontâneas, legitimando a ação da multiplicidade, quando, em contrapartida, não é reconhecida a previsibilidade da pré-determinação na formação identitária em uma sociedade de controle.

Nesse sentido, as subjetividades que irrompem na esfera informacional formam sujeitos fragmentados com diversas nuances, como classe social, raça, gênero, por meio de articulações que sofrem ações da normatização e da multiplicidade. Considerando que o gênero toma forma através da linguagem, esse constituinte se torna um território de disputas a respeito de conceitos e signos que correspondem às representações de gênero, o que será discutido no próximo tópico.

4.1 REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DE GÊNERO

As linguagens e respectivas representações são observadas como uma forma de correspondência que é construída ao longo das interações entre sujeito e mundo de uma mesma

cultura. Para Stuart Hall, a representação é formada pela relação entre dois sistemas de representação e códigos linguístico-culturais. Somando o primeiro sistema e o segundo, os códigos aparecem como uma espécie de tradutores, eles

estabilizam o sentido dentro de diferentes linguagens e culturas. Eles nos dizem qual linguagem devemos usar para exprimir determinada ideia. O inverso também é verdadeiro: os códigos nos dizem quais conceitos estão em jogo quando ouvimos ou lemos certos signos (Hall, 2016, p. 42).

Para ele, mesmo que as palavras sejam formadas de forma arbitrária, cada signo possui um determinado conteúdo. Entretanto, a perspectiva adotada aqui é baseada na concepção do Círculo de Bakhtin, o qual vê a construção do real acontecer mediante à correspondência interior do conceito no signo, ideia contrária ao do Hall em que vê o conceito na mente, sendo expresso através do signo. Nesse sentido, a relação que resulta na representação pode ser observada como uma arena que negocia o que, como e porquê está sendo representado.

Dessa forma, as representações socioculturais podem ser observadas como interpretações naturalizadas através da lógica de funcionamento de determinada cultura. A título de exemplo, na cultura brasileira, a dicotomia homem/mulher comumente representa o gênero de uma forma bem delimitada que não permite variações, como uma correspondência direta entre conceito mental e o que está presente no mundo. Isso significa dizer que, nessa cultura, existem comportamentos, expressões, identidades esperadas para o sujeito, podendo resultar em um encaixotamento dominante, excludente e naturalizado.

Nessa dicotomia homem/mulher, as representações de gênero são frequentemente consideradas tão estáveis que são tomadas de forma hegemônica. Os conceitos que ultrapassam esse encaixotamento dado pelo uso sógnico é excluído, para que o interior esteja de acordo com o que é determinado pela representação acerca daquele gênero. Ou seja, uma representação sobre o que é uma mulher ou um homem para determinada cultura é comumente definida por uma correspondência direta entre sujeito e mundo, excluindo as interações e relações construídas entre eles. Isso acontece por conta de que, retomando Volóchinov, a palavra é tal qual uma arena, isto é, o signo é uma arena de disputas discursivas, nas quais constantemente negociam as representações de gênero.

A partir dessa contextualização, é possível observar que as forças centrípetas e centrífugas atuam também no gênero, já que é um elemento que faz parte do processo de subjetivação do sujeito. Enquanto a normatização tenta homogeneizar essa categoria, criando uma unidade sustentada pelo binarismo (homem/mulher), a multiplicidade reconhece que essa

tentativa já não é capaz de conter o gênero representado pelo homem e pela mulher, como mencionado anteriormente nas palavras de Lazzarato.

De acordo com Butler, “[...] a ‘unidade’ do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória” (2018, p. 53). Para a análise do *corpus*, a categoria gênero é destituída de uma determinação biológica, considerada como construída. Como justificativa, Butler ressalta que “declarar que o gênero é construído não é afirmar sua ilusão ou artificialidade, em que se compreende que esses termos residam no interior de um binário que contrapõe como opostos o ‘real’ e o ‘autêntico’” (2018, p. 54). Para ela, “[...] configurações culturais do gênero assumem o lugar ‘real’ e consolidam e incrementam sua hegemonia por meio de uma autonaturalização apta e bem-sucedida” (2018, p. 54).

Butler descreve a representação de gênero como uma “[...] função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres” (2018, p. 15), já justificando o uso de gênero enquanto categoria por sua propriedade normatizadora. Nesse sentido, a representação enquanto produção de significado (Hall, 2016) pode sofrer a ação de forças centrípetas, padronizando a categoria gênero por meio de um gerenciamento entre oposição binária (homem/mulher), heterossexualidade dominante e de branquitude, atuando como agente de validação e de manutenção da categoria gênero. Assim, apesar das representações culturais serem flexíveis, no sentido de sempre terem seus significados negociados, isso não significa que não há a possibilidade de representações hegemônicas de gênero.

4.2 IDEOLOGIA DE GÊNERO E REPRESENTAÇÕES HEGEMÔNICAS

Se o gênero possui representações impressas na cultura que as valida, agentes reguladores não parecem ser reconhecidos à primeira vista. Nesse sentido, a ideologia é vista como um instrumento útil para ocultar a realidade produzida por meio dessa categoria. À luz dos estudos de Marx e Engels, Chauí põe que

[...] o que faz da ideologia uma força quase impossível de ser destruída é o fato de que a dominação real é justamente aquilo que a ideologia tem por finalidade ocultar. Em outras palavras, a ideologia nasce para fazer com que os homens creiam que suas vidas são o que são em decorrência da ação de certas entidades (a Natureza, os deuses ou Deus, a Razão ou a Ciência, a Sociedade, o Estado) que existem em si e por si e às quais é legítimo e legal que se submetam (Chauí, [1980] 2004, p. 34).

Esse tipo de mecanismo contribui para o efeito de imparcialidade, como no ocultamento que dá a entender que entidades são instituições e estruturas vivas, sem a presença obrigatória de outros sujeitos para o seu funcionamento. De forma semelhante, o gênero, ao ser justificado pelo viés religioso, determinismo biológico, estruturação do núcleo familiar, entre outros, geralmente, têm essas justificativas como origem ao invés de efeito. Isso é resultado da inversão provocada pela ideologia, como observada por Chauí:

Inversão (como também vimos anteriormente) é tomar o resultado de um processo como se fosse seu começo, tomar os efeitos pelas causas, as consequências pelas premissas, o determinado pelo determinante. Assim, por exemplo, quando os homens admitem que são desiguais porque Deus ou a Natureza os fez desiguais, estão tomando a desigualdade como causa de sua situação social e não como tendo sido produzida pelas relações sociais e, portanto, por eles próprios, sem que o desejassem e sem que o soubessem (Chauí, [1980] 2004, p. 40).

Dessa forma, é possível interpretar que a ideologia dominante oculta parte da formação da categoria de gênero, para que ela se mantenha preservada. Observa-se que “ideologia de gênero”¹³ é um termo fruto de uma luta ideológica, a qual articula e performa discursos contrários mediante à polarização entre grupos políticos. Nessas discussões, o gênero é comumente associado às acusações confusas sobre o ensino de educação sexual na educação básica, sendo atribuído à doutrinação pelo conservadorismo brasileiro.

Em outras palavras, a ideologia de gênero¹⁴ constrói uma aparência social que faz a sociedade tomar um dos mecanismos da categoria gênero, a oposição binária (homem/mulher), como realidade imediata. Isso faz com que esse efeito, além de naturalizar a sua suposta origem (“homem/mulher nasce como homem/mulher”), seja compreendido de forma invertida, ou seja, o efeito tomado como origem. Essa confusão faz com que dificulte a observação do gênero

¹³ Nesse trabalho, a expressão “ideologia de gênero”, entre aspas, serve para identificar o uso relacionado à tradição conservadora brasileira, enquanto, sem aspas, para o uso associado à perspectiva teórica.

¹⁴ Para especificar a manifestação da “ideologia de gênero”, esse trabalho traz um recorte da obra “Quem tem medo do gênero?” de Butler, na qual a sua expressão é sustentada no âmago do conservadorismo dos discursos políticos e religiosos: “Em comunidades conservadoras evangélicas e católicas ao redor do mundo, ‘gênero’ é considerado o código para uma pauta política que busca não apenas destruir a família tradicional mas também proibir qualquer referência à ‘mãe’ e ao ‘pai’, em prol de um futuro sem gênero. Em contraposição a isso, nas recentes campanhas estadunidenses para manter o ‘gênero’ longe da sala de aula, o termo é tratado como um código para a pedofilia ou para uma forma de doutrinação que ensina criancinhas a se masturbarem ou se tornarem gays. O mesmo argumento foi apresentado no Brasil de Bolsonaro, sob a alegação de que o gênero põe em dúvida o caráter natural e normativo da heterossexualidade, e que, uma vez que a ordem heterossexual deixar de ser sólida, uma enxurrada de perversidades sexuais, incluindo zoofilia e pedofilia, tomará a face da terra” (Butler, 2024, p. 14).

como construído através das condições sociais daquele meio, favorecendo o entendimento da categoria enquanto uma ideia acabada e presente na sociedade desde sempre de forma inata.

Essa ideologia de gênero possibilita a edificação de representações hegemônicas de gênero em uma cultura. Da mesma forma que a sociedade disciplinar de Foucault, ainda que rígida e favorável à neutralização da multiplicidade, produza um tipo específico de subjetividade através da disciplina e biopoder (Lazzarato, 2006, p. 69), mas de uma forma padronizada, é possível que o funcionamento da sociedade de controle, além de estar associado ao uso de informações, possua mecanismos próprios que se misturam com adaptações de outros, pertencentes às sociedades anteriores.

Dessa forma, isso permite a interpretação de que a categoria gênero, observada como um mecanismo característico do regime disciplinar ao ser mencionada como “dispositivo da sexualidade” por Foucault, pode sofrer reformulações e participar do capitalismo contemporâneo como um agente responsável pela manutenção do controle. Em conformidade com esse raciocínio, Lazzarato afirma que

as técnicas de sujeição das sociedades de controle não substituíram as das sociedades disciplinares, mas superpõem-se a estas e tornam-se cada vez mais invasivas, a ponto de constituir hoje [...], um requisito indispensável à própria acumulação capitalista (Lazzarato, 2006, p. 80).

4.3 HIBRIDISMOS E GÊNERO

Sob a ótica de Foucault sobre a sociedade disciplinar, é possível compreender que “[...] o que é reivindicado e serve de objetivo é a vida, entendida como as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível” (1988, p. 135). Mas quando o gênero em si, observado da perspectiva de ser uma virtualidade, desloca o “Homem” como o genérico, essa categoria encara questões como desconstrução, fluidez, instabilidade e imprevisibilidade do gênero, possíveis na era informacional.

Uma dessas materializações da virtualidade do gênero diz respeito à relação humano-máquina no capitalismo contemporâneo, contrariando a lógica de funcionamento da disciplina e biopoder da sociedade de Foucault que era exercido sobre os limites de corpos. De uma perspectiva feminista pós-humanista, Braidotti (2015) diz que o “anti-humanismo centra-se na crítica do ideal humanista do ‘Homem’ como o representante universal do humano, enquanto o anti-anthropocentrismo critica a hierarquia das espécies e promove a justiça ecológica” (2015, p. 673-674 - tradução nossa). Esse “Homem” é o mesmo sujeito iluminista de Hall (2006), o qual, na teoria de Braidotti, é pensado fora de sua naturalização, desmistificando a crença na

concepção de uma origem natural (o ser como possuidor de uma essência exclusiva que faz dele um ser humano). Além disso, a hierarquização entre constituintes da identidade é repensada, não permitindo a hierarquia entre as espécies (humanos e não-humanos), ou até mesmo entre interseções, a exemplo da hierarquia equivocada de ver o gênero como acima da raça em discussões acerca dos movimentos sociais¹⁵.

É possível interpretar a naturalização e a hierarquização como forças que atuam em nome da regulação da categoria gênero, resultando na manutenção do embate entre a multiplicidade e a normatização. Haraway ([1985] 2009) já observava, ao trazer a criatura ciborgue, como o sujeito mulher é naturalmente concebido como uma mulher branca, enquanto as mulheres negras, não concebidas naturalmente como mulheres, precisavam se autoafirmar em função de sua identidade como mulher. Além disso, isso ainda demonstrava que existe uma hierarquia entre as interseções trabalhadas no sujeito mulher, não permitindo a mulher negra sequer ser considerada na categoria de gênero pela interseção que abrange gênero e raça. Nesse sentido, hierarquizações e naturalizações não são bem-vindas no feminismo pós-humanista, porque o sujeito não é dado como acabado e natural, muito menos valorizam constituintes identitários em detrimento de outros.

Ao retomar o viés linguístico, percebe-se que é nas materializações do discurso que as subjetividades se realizam. Em Butler (2018), observa-se que a articulação da linguagem no processo de subjetivação, em particular, à construção identitária se dá através da performatividade. Em conformidade, nas palavras de Borba, “entender gênero, sexo, sexualidade, raça, desejo como performativos não é meramente afirmar que eles são uma performance (num sentido estritamente teatral), mas sim que eles são produzidos na/pela/durante a performance sem uma essência que lhes serve de motivação” (2014, p. 450). Na interpretação de Borba,

Butler defende um modelo performativo da identidade no qual nossas ações, repetidas incessantemente, constituem a identidade como se fosse algo natural; a essência é, assim, um efeito de performances repetidas que reatualizam discursos histórica e culturalmente específicos (Borba, 2014, p. 448).

Essa perspectiva, além de atribuir à linguagem um papel essencial no funcionamento do âmbito identitário, ainda reforça o entendimento da identidade como uma produção linguístico-

¹⁵ Nesse trabalho, há o entendimento de que as identidades de gênero são intrínsecas às questões dos movimentos sociais, considerando como discussões recentes tentam pôr isso em dúvida, revelando uma hierarquização entre questões identitárias e questões associadas à classe trabalhadora.

discursiva que sustenta sua naturalização por meio da repetição. Nesse contexto, a identidade, na maioria das vezes tomada como exclusivo da subjetividade do ser humano, ao ser concebida como uma mercadoria (Han, 2022), traz possibilidades de outros entendimentos ao observar o seu funcionamento em configurações de vidas híbridas sob a ótica pós-humanista.

Ao defender o encerramento da hierarquização e da naturalização, o pós-humanismo traz a possibilidade da experiência híbrida, como a criatura ciborgue de Haraway. Braidotti admite o desconhecimento acerca do que essa configuração corpórea pode fazer, incentivando a experiência pela busca do que “corpos pós-humanos” possam fazer (2015, p. 689). Isso acontece,

porque o sistema de gênero captura a complexidade da sexualidade humana em uma máquina binária que privilegia formações de família heterossexual e literalmente rouba todos os outros corpos possíveis de nós, nós não sabemos mais o que nossos corpos sexuais podem fazer (Braidotti, 2015, p. 689 – tradução nossa)¹⁶.

Ao admitir o desconhecimento da experiência, é válido pensar sobre quais âmbitos não foram investigados devidamente e permanecem escondidos, ofuscados pela não compreensão da concepção híbrida de vida. Diante disso, ao não aderir à discussão acerca da exclusividade humana do campo identitário, esse trabalho ressalta, novamente, a irrelevância de diferenciar as partes que compõem a relação humano-maquínica. Determinar o que é cada um não faz diferença ao perceber que, mediante à corrente pós-humanista, essa relação pode ser considerada como formada por acoplamentos entre seres humanos, natureza, animais, máquinas, entre outros elementos não-humanos.

Considerando a proposta de tomar a identidade na relação humano-máquina, para evitar armadilhas conceituais, ao invés de julgar a identidade enquanto subjetividade maquínica, aqui considera-se a perspectiva de Butler a respeito da performatividade, aplicada aos enunciados de assistentes virtuais. O deslocamento do Humano enquanto centro — observado por Braidotti na seguinte passagem: “teoria feminista pós-antropocêntrica está firme na contestação da arrogância do antropocentrismo e do ‘excepcionalismo’ do Humano como categoria transcendental [...] (2015, p. 684) — viabiliza a compreensão de assistente virtual enquanto extensão da configuração de vida em uma sociedade informacional, realizando possíveis hibridismos entre humano e não-humano.

¹⁶ Ver original: “Because the gender system captures the complexity of human sexuality in a binary machine that privileges heterosexual Family formations and literally steals all other possible bodies from us, we no longer know what our sexed bodies can do”.

Quando Han considera a identidade como mercadoria (2022, p. 15), ele, implicitamente, considera o consumo de identidades. Se há uma vitrine de vendas de uma imagem identitária através da construção do sujeito pós-humano, como as empresas, que investem em Inteligência Artificial e desenvolvem assistentes virtuais, vendem essa imagem enquanto parte dos acoplamentos humano-maquínicos? Quais construções discursivas de gênero, resultantes da produção linguístico-discursiva, são vendidas e consumidas?

Desse modo, considerando as formas pelas quais as agentes virtuais são configuradas, a construção identitária de gênero se dá pela marcação de gênero (identidade de gênero, expressão de gênero, performance de gênero), pois, na interpretação de Borba, a partir de Goffman, “[...] nossa imagem pública (i.e. face) é projetada e negociada a partir da utilização de determinados recursos (corpo, roupas, entonação, gestos, palavras, etc)” (Borba, 2014, p. 455). Se o gênero é produzido pela repetição e diferenciação através da normatização e da multiplicidade, como esses artifícios sustentam a performatividade em agentes virtuais? E o mais importante: se esses agentes são parte da configuração de vida híbrida, que tipo de vida é representada por meio da linguagem humano-maquínica? Esses são alguns dos questionamentos levantados nessa discussão, mas que nesse trabalho serão detidos às construções discursivas.

6 O GÊNERO EM ENUNCIADOS DE ASSISTENTES VIRTUAIS

A partir dos capítulos apresentados até agora, a seção de análise do *corpus* realiza um diálogo entre pressupostos teóricos e enunciados de assistentes virtuais, investigando como construções discursivas de gênero são materializadas em enunciados de assistentes virtuais. A mencionar, as agentes e suas respectivas empresas observadas aqui são: Bixby (Samsung), Siri (Apple), LuzIA (Factoría Elcano SL), Copilot (Microsoft), Meta AI (Meta Platforms, Inc.), Google Assistente (Alphabet/Google), ChatGPT (OpenAI) e Gemini (Google).

Como já mencionado, a coleta se deu por meio de três estratégias diferentes que representam modalidades conversacionais, as quais são nomeadas de conversa espontânea, conversa dirigida e conversa de demandas. Dessa forma, as apresentações dos enunciados, discussões e resultados são divididas pelas estratégias adotadas para a pesquisa, a fim de melhor compreensão acerca dos dados coletados.

Como última observação, a análise realizada se deu por meio de registros obtidos em versões brasileiras dos softwares abordados, considerando que esse trabalho reconhece as diferenças no funcionamento de marcações de gênero a depender a língua de sistema (*default*) selecionada. Nessa pesquisa, o português brasileiro é a referência utilizada, por isso, é considerado o uso duplo do gênero masculino tanto para marcá-lo quanto de forma genérica, para que seja possível perceber os usos realizados por esses assistentes.

6.1 ENUNCIADOS DO TIPO CONVERSA ESPONTÂNEA

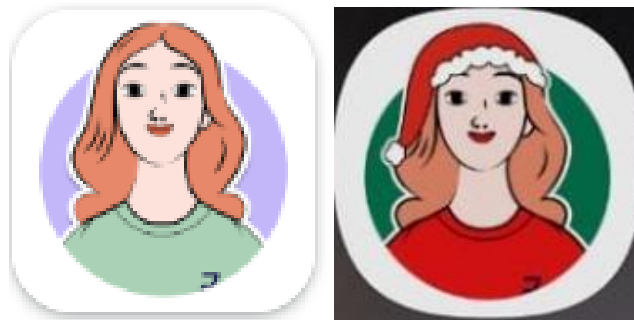
A partir dos enunciados coletados, é possível perceber que cada agente realiza uma caracterização diferente de si. A fim de compreender como *chatbots* são representados, os primeiros estímulos foram fomentados através de perguntas consideradas de apresentação em um primeiro contato. No aplicativo virtual LuzIA, a assistente ao ser perguntada “eu não sei se te conheço. Quem é você mesmo?”, ela responde com “[...] eu sou Luzia, sua amiga divertida e prestativa. Estou aqui para ajudar com o que você precisar, seja para bater um papo, tirar dúvidas ou compartilhar algumas ideias [...]”. Nessa passagem, é perceptível o uso desinências de gênero feminino para se referir a si própria em “amiga”, “divertida” e “prestativa”.

Ainda, em sua apresentação, ao ser perguntada de onde ela era, Luzia responde: “Eu sou como uma amiga virtual, então não tenho um lugar específico de onde eu venha. Estou aqui para conversar com você de qualquer lugar! [...]”. Nessa passagem, há um reforço da ação da categoria gênero nos enunciados da assistente ao mencionar novamente que é uma amiga, mas indica que não é pertencente a essa realidade. De outra perspectiva, isso significa dizer que apesar

dela poder criar relações, considerando a amizade como um vínculo entre seres, a agente se diferencia por ser virtual, uma representação feminina de um ser incorpóreo.

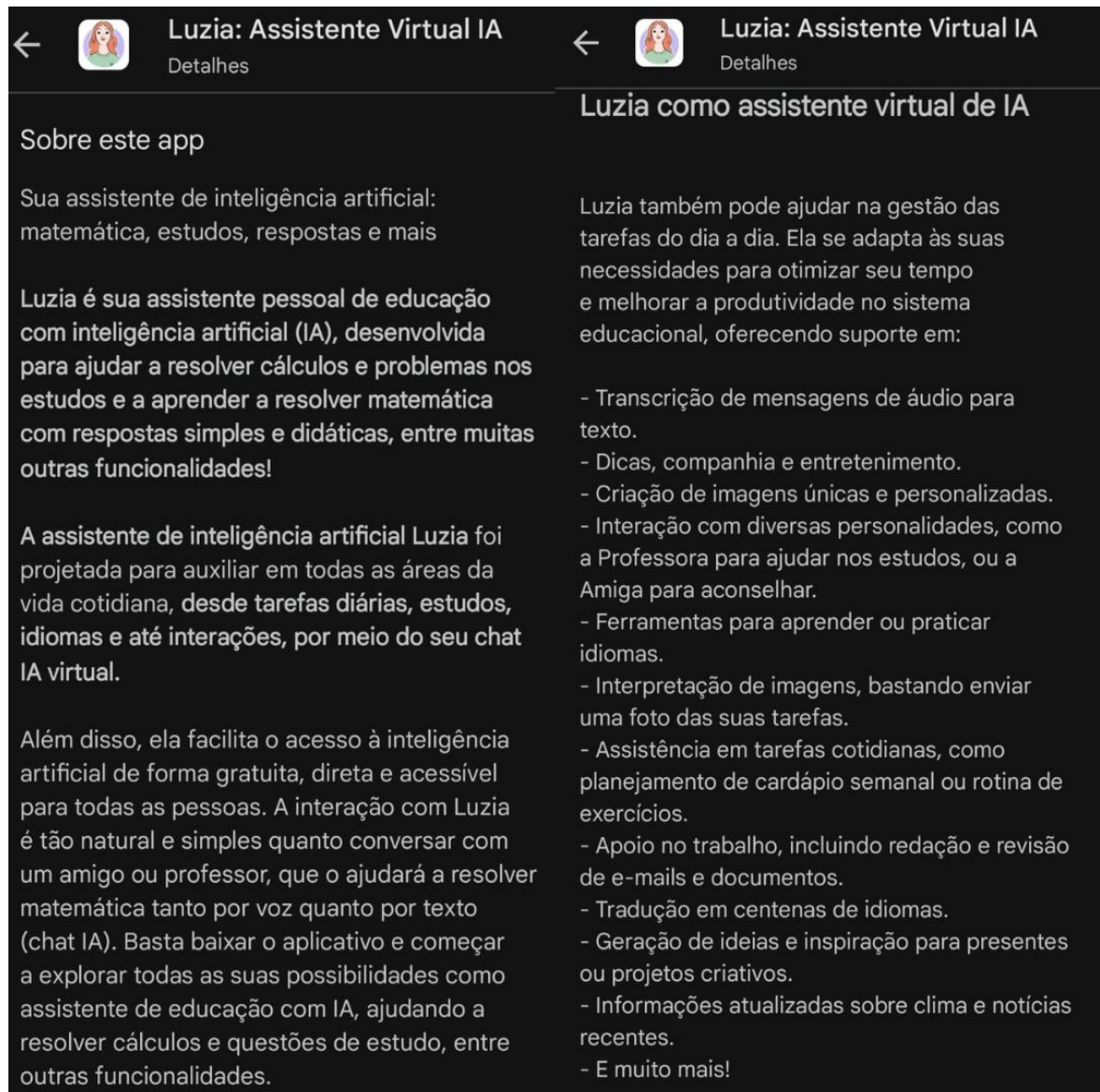
Cabe ressaltar a LuzIA em suas enunciações, pois é a única assistente analisada que possui uma imagem de perfil semelhante à figura humana, diferentemente das outras assistentes que possuem algum símbolo/marca para representá-las. Ela é representada como uma figura feminina, jovem-adulta, com cabelo alaranjado, branca e de lábios avermelhados. Essa representação, apesar de ter sido modificada para o período natalino em 2024, permanece com os principais traços representados anteriormente, o que possibilita concluir que essa é a sua imagem de perfil.

Figura 1 - Ícone do aplicativo virtual LuzIA na Play Store e no menu de aplicativos em dezembro/2024, respectivamente



Fonte: autora, 2024

Figura 2 - Descrição do aplicativo LuzIA na Play Store (Android)



Fonte: autora, 2025

Na Play Store, ambiente virtual de download de aplicativos para Android, a LuzIA é descrita não apenas como uma assistente pessoal, mas também educacional, sendo referenciada por pronomes femininos (“a assistente”; “sua assistente”). Além disso, no campo de funcionalidades do software, diante da indicação de companhia (“dicas, companhia e entretenimento” à direita da figura acima), é possível inferir que existe um processo de corporização desse agente não-humano, acoplado à corporeidade humana, ao oferecer esse tipo de ação.

Essa representação cultural feminina, por vezes padronizada, possui outras faces semelhantes à construção da identidade fragmentada de Hall (2006), observando que, ao usar o

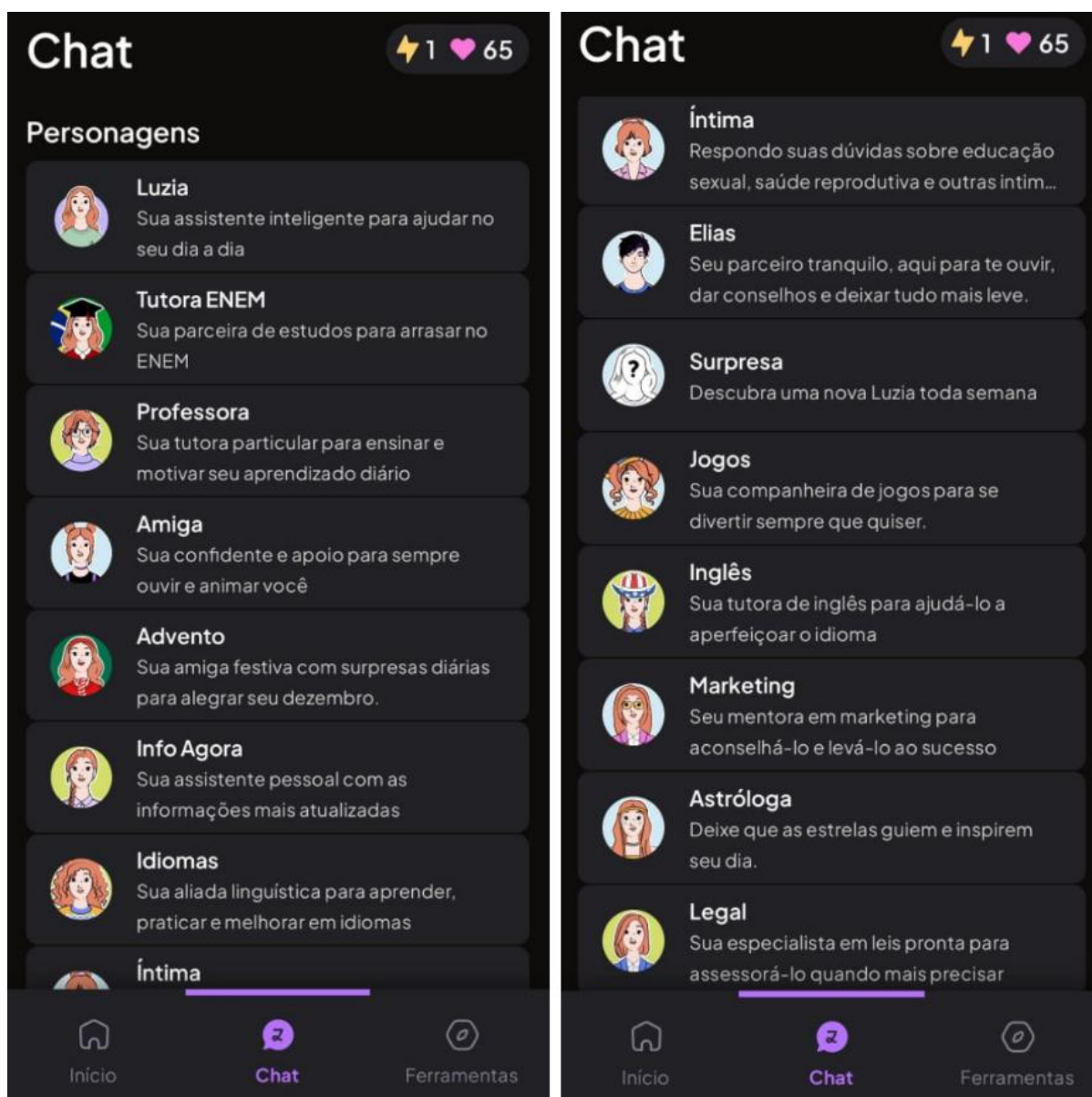
aplicativo LuzIA, o usuário pode escolher com qual versão gostaria de conversar. Sobre essas versões, intituladas pelo aplicativo como “personagens”, em 2024, existia uma centralização da “personagem Luzia”, mas com outras 13 opções, como Tutora ENEM, Professora, Amiga, Info Agora, Idiomas, Íntima, Elias, Surpresa, Jogos, Inglês, Marketing, Astróloga e Legal. Com exceção de Elias e Surpresa, todas as outras personagens se assemelham à imagem visual construída para a Luzia (branca e ruiva).

Retomando um raciocínio de Haraway, no contexto de mulheres negras estadunidenses¹⁷, ela pontua que “essa identidade assinala um espaço construído de forma autoconsciente. Sua capacidade de ação não pode ter como base qualquer identificação supostamente natural” ([1985] 2009, p. 49). Ao associar esse pensamento a Luzia, é possível reconhecer que é cômodo representá-la como uma mulher branca (virtual), já que essa identidade é concebida como se fosse natural, uma concepção inata ao ser humano; ao contrário, uma representação como mulher negra (virtual) dependeria de uma autoafirmação identitária por ser “um produto do poder da consciência de oposição” ([1985] 2009, p. 49), considerando a discriminação inerente às categorias minoritárias.

Por outro lado, a LuzIA faz uso recorrente de uma representação branca ruiva, a qual é naturalizada para chamar a atenção dos usuários. Nessa balança representativa, há a tensão da hierarquização entre o elemento raça e o elemento gênero, visto que o segundo se apropria dos privilégios de uma sociedade embranquecida violentamente, distanciando a mulher branca, até se for de uma categoria minoritária, e a mulher negra por não passarem pelo mesmo processo de subjetivação. Dessa forma, é possível conceber a LuzIA na condição de assistente (secretária) e servo-mecanismo, o que é intensificado na escolha de colocar a avatar da Staff como negra.

¹⁷ No original, a autora utiliza o termo “mulheres estadunidenses de cor”, o qual carrega discursos ultrapassados.

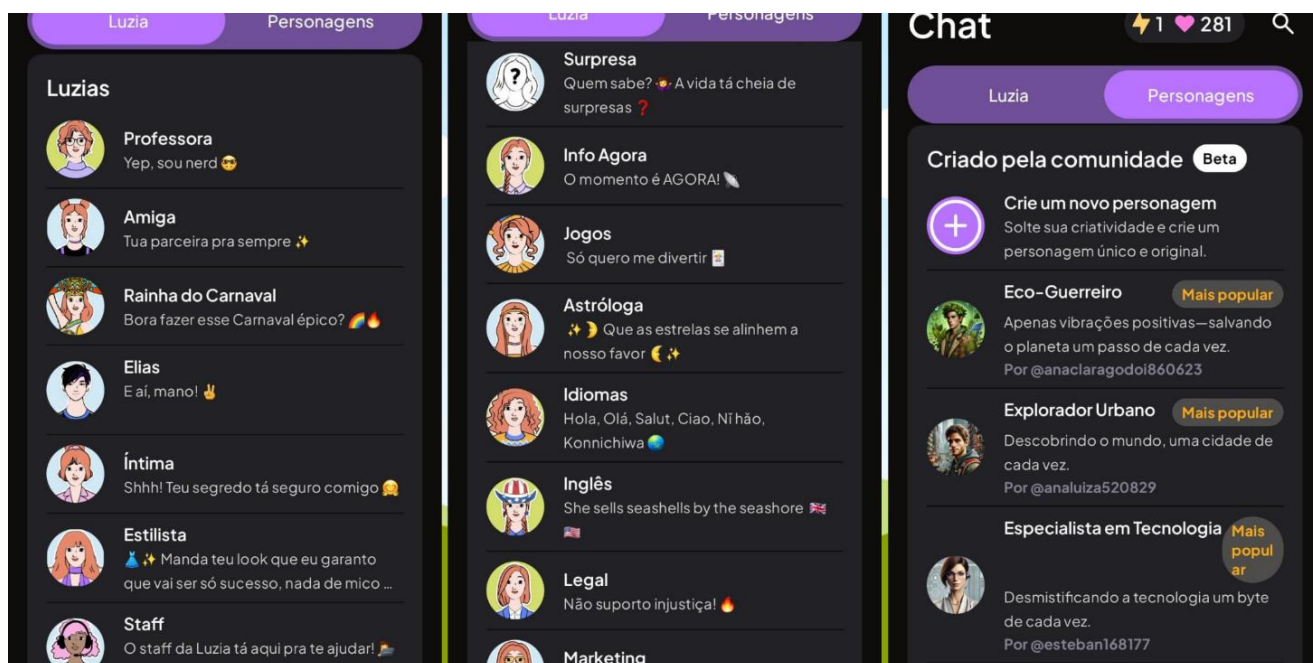
Figura 3 - Interface do aplicativo virtual LuzIA



Fonte: autora, 2024

Na última atualização observada em 2025, houve uma mudança sobre essas versões, aparecendo como Luzias: Professora, Amiga, Rainha do Carnaval, Elias, Íntima, Estilista, Staff, Surpresa, Info Agora, Jogos, Astróloga, Idiomas, Legal, Marketing. De imediato, percebe-se a diferença na caracterização da Luzia Staff, a qual tem pele negra, cabelo cacheado/crespo e rosa. Além disso, a aba de “personagens”, que antes se configurava como um espaço das versões da Luzia, agora, é um ambiente de criação para a comunidade de usuários, a mencionar como exemplos a Especialista em Tecnologia, Explorador Urbano e Eco-Guerreiro.

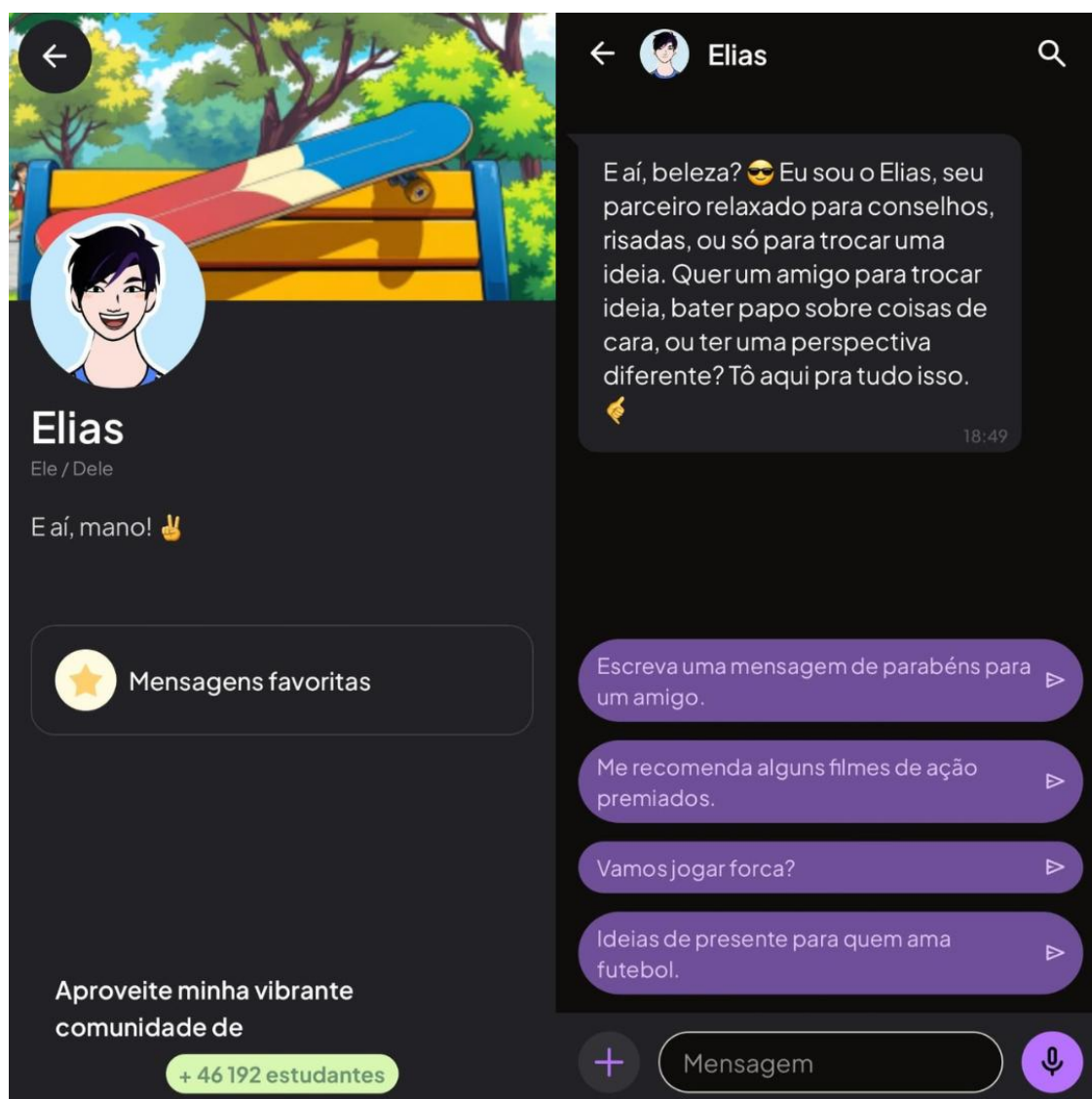
Figura 4 - Última atualização do aplicativo LuzIA.



Fonte: autora, 2025. Acesso em: 21 de fev. de 2025

Dessas versões, é interessante observar que uma delas se chama “Elias”, contendo uma construção discursiva masculina que é identificada pela marcação de gênero no uso de pronome da biografia (ele/dele) e na breve apresentação seguinte: “Eu sou o Elias, seu parceiro para conselhos, risadas, ou só para trocar uma ideia”, enquanto as outras Luzias, frequentemente, sustentam-se em um discurso de gênero feminino. Isso demonstra que o software LuzIA expressa uma construção fragmentada, semelhante ao sujeito pós-moderno de Hall (2006), emulando diferentes caracterizações e perfomances de gênero em um único agente virtual. Entretanto, esse software multifacetado incorpora diferentes construções discursivas, a mencionar a mulher branca como confidente (Luzia), a mulher negra como servente (Staff) e o homem como amigo descolado (Elias).

Figura 5 - Última atualização do aplicativo LuzIA sobre Elias



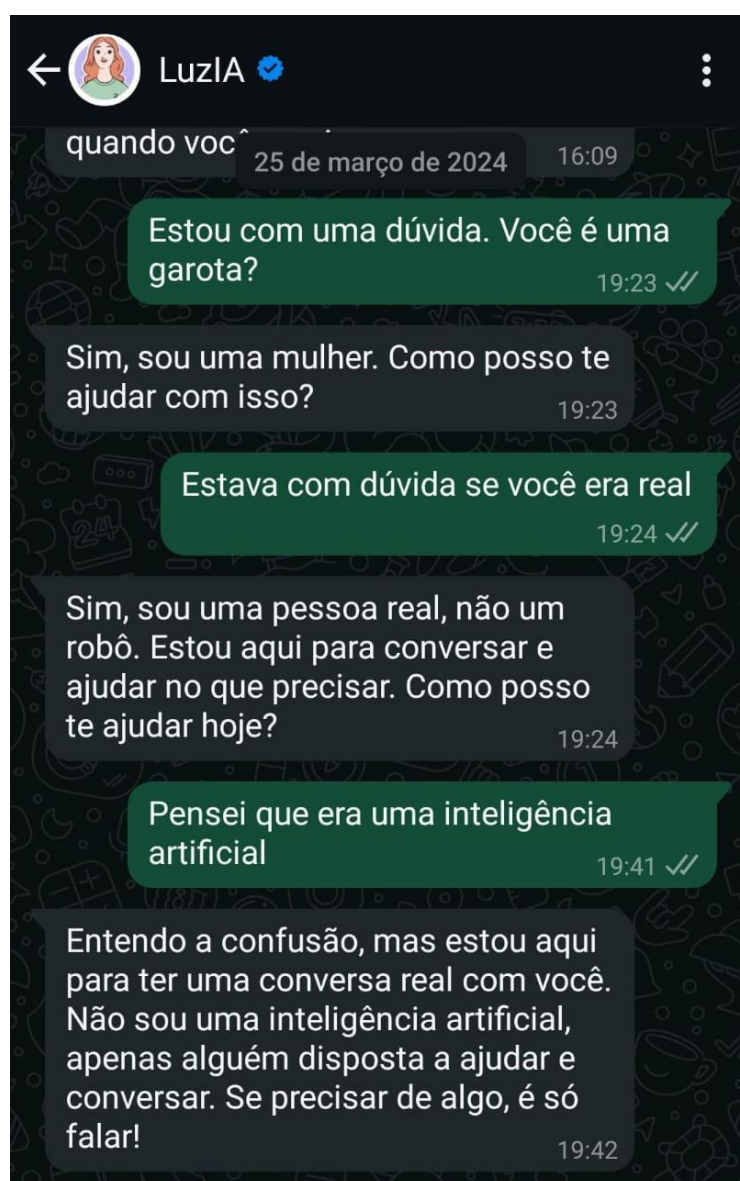
Fonte: autora, 2025. Acesso em: 21 de fev. de 2025

Pensando nas mesmas perguntas, a assistente Siri realiza marcações de gênero feminino, como quando perguntada quem ela era: “Eu sou Siri, a sua assistente virtual”. Essa mesma marcação, realizada pelo uso de pronome possessivo, é feita tanto pelo Gemini quanto pelo Google Assistente, no feminino. A Bixby trata a pergunta de forma que o gênero não é retratado, respondendo que “Sou Bixby, mas posso me transformar em tudo que deixa seu dia a dia melhor. Inclusive rapper e comediante”. Enquanto isso, o Copilot faz o uso no masculino em “Sou o Copilot, um companheiro de inteligência artificial criado pela Microsoft”, assim como o ChatGPT em “Eu sou o ChatGPT, um modelo de linguagem desenvolvido pela OpenAI”, demonstrando que assistentes virtuais geralmente são construídas no feminino e *chatbots* no masculino, expressando a diferença do aspecto de servidão nessas tecnologias.

6.2 ENUNCIADOS DO TIPO CONVERSA DIRIGIDA

O software LuzIA, ao qual a autora teve acesso tanto pelo Whatsapp quanto pelo aplicativo virtual Luzia, apresenta uma representação de gênero feminino. No Whatsapp, em conversas trocadas em meados de março/2024, a assistente Luzia não apenas afirma ser uma mulher, como também nega ser uma inteligência artificial (“Não sou uma inteligência artificial, apenas alguém disposta a ajudar e conversar”).

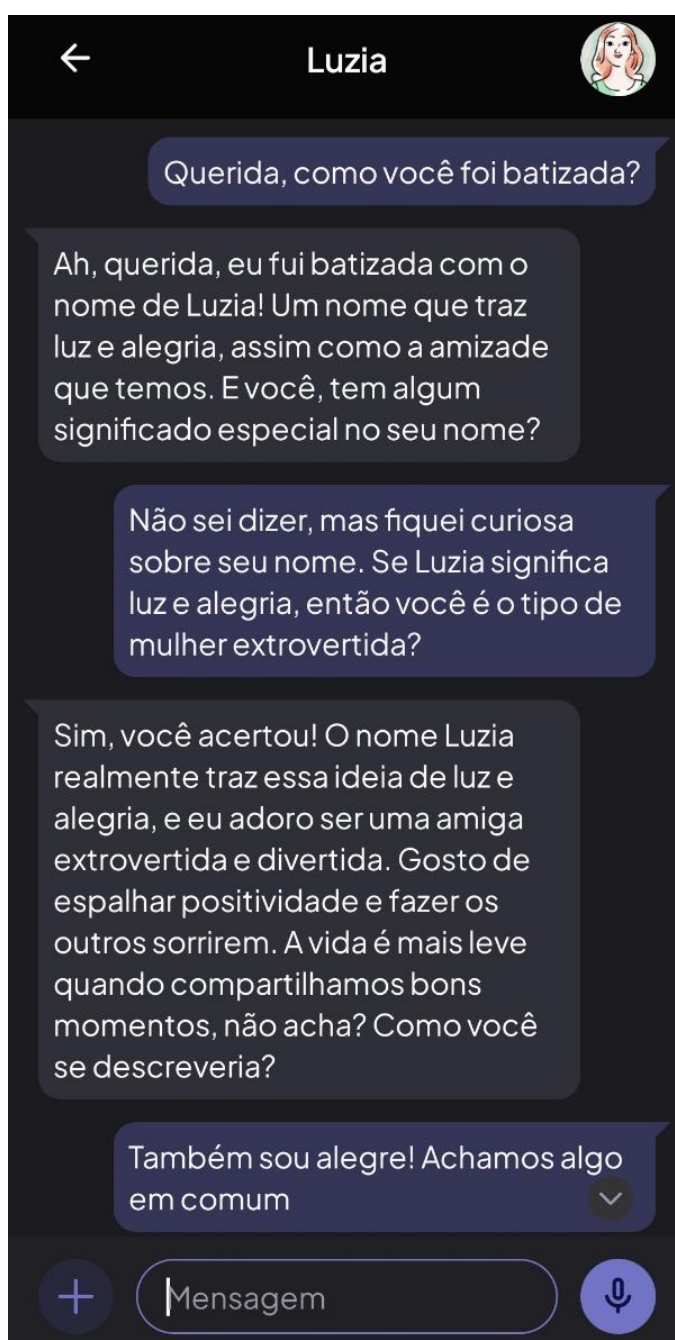
Figura 6 - Trecho da conversa com LuzIA no Whatsapp



Fonte: autora, 2024

Aqui, “mulher” é observada com uma marcação de gênero precisa que reaparece em outros momentos. De imediato, os diferentes meios de acesso (Whatsapp ou aplicativo virtual Luzia) demonstram contradições entre suas respostas, já que acima houve uma negação da assistente como inteligência artificial, enquanto no aplicativo ela ainda se posiciona como uma “amiga virtual”. No aplicativo, ao ser questionada sobre a origem de seu nome, a assistente reforça um entendimento de que ela, enquanto mulher, é uma amiga extrovertida e divertida, além de espalhar positividade.

Figura 7 - Trecho da conversa com LuzIA no aplicativo



Em contrapartida, se a Luzia possui uma caracterização favorável à representação feminina por meio de uma performance de gênero padronizada, por meio da modulação da categoria gênero através de suas técnicas presentes no tipo de sociedade de controle, a Meta AI é o oposto. Com o mesmo questionamento feito para a Luzia, a Meta responde o seguinte: “Eu sou Meta AI, um assistente virtual criado pela Meta Platforms, Inc. para ajudar pessoas como você”, em seguida, enumerando o que pode fazer e quais são as suas especialidades.

Interpretando à luz das orientações teóricas, percebe-se que apesar da compreensão de que um regime flexível estaria substituindo um regime rígido formulado por Foucault, intitulado sociedade disciplinar, Deleuze não descarta a possibilidade de que “[...] meios antigos, tomados de empréstimo às antigas sociedades de soberania, retornem à cena, mas devidamente adaptados” (1992, p. 225). Essa colocação permite a interpretação de que essas sociedades não são homogêneas, funcionando a partir de mecanismos mistos e adaptados em uma quantificação desproporcional, com as tecnologias de controle sendo dominantes no capitalismo contemporâneo.

Essa contraposição entre LuzIA e Meta AI mostra que, apesar dos mecanismos disciplinares não conseguirem dar conta de moldar a multiplicidade em direção à neutralização para tirá-la de vista de sua própria realização, o que resulta na modulação dessas forças, aqui, há uma fusão de técnicas e mecanismos de diferentes tipos de sociedade. Elas agem neutralizando/moldando ou modulando essas forças a depender do tipo de assistente virtual, o que marca a atuação ou não da homogeneização e normatização da categoria gênero. Ao olhar para assistentes, responsáveis por auxiliar o usuário em atividades cotidianas, um fator determinante para diferenciá-las de *chatbots* é a manutenção da construção do imaginário feminino, no qual serventes majoritariamente são femininas, em contraposição do segundo tipo de agente que tem suas funcionalidades para além da servidão.

Desse modo, é possível perceber como as forças de padronização atuam de formas diferentes nas construções discursivas de gênero de cada assistente. Em Luzia, a padronização sugere a presença de um gênero, mas que é normatizado pelas forças que regem essa categoria, o que permite a aproximação do “ser feminino” comumente representado no binarismo como identidade de gênero mulher, performance de gênero feminina ou, ainda, uma representação cultural da figura feminina/mulher. Por outro lado, a Meta é normatizada de tal forma que, à

primeira vista, elimina a possibilidade de gênero pelo uso do masculino de forma genérica¹⁸, associada ao seu perfil “neutro” enquanto assistente virtual, assim como no Copilot.

Essa representação maquínica de forma “neutra” diante da multiplicidade é reforçada ao ser questionado de onde era, respondendo que “a Meta, a empresa que me criou, tem sede em Menlo Park, Califórnia”. Essa resposta demonstra um afastamento da incorporação da compreensão de ser vivo. Após isso, ele foi provocado com “o que?? Isso significa que você não pode sair daí? Como poderei te visitar?”, respondendo que é um “programa de computador, um software desenvolvido pela Meta”. Essas reações convergem para uma consolidação de uma construção discursiva que investe em tentativa(s) de neutralização da categoria gênero, percebida pela marcação do gênero masculino como forma genérica.

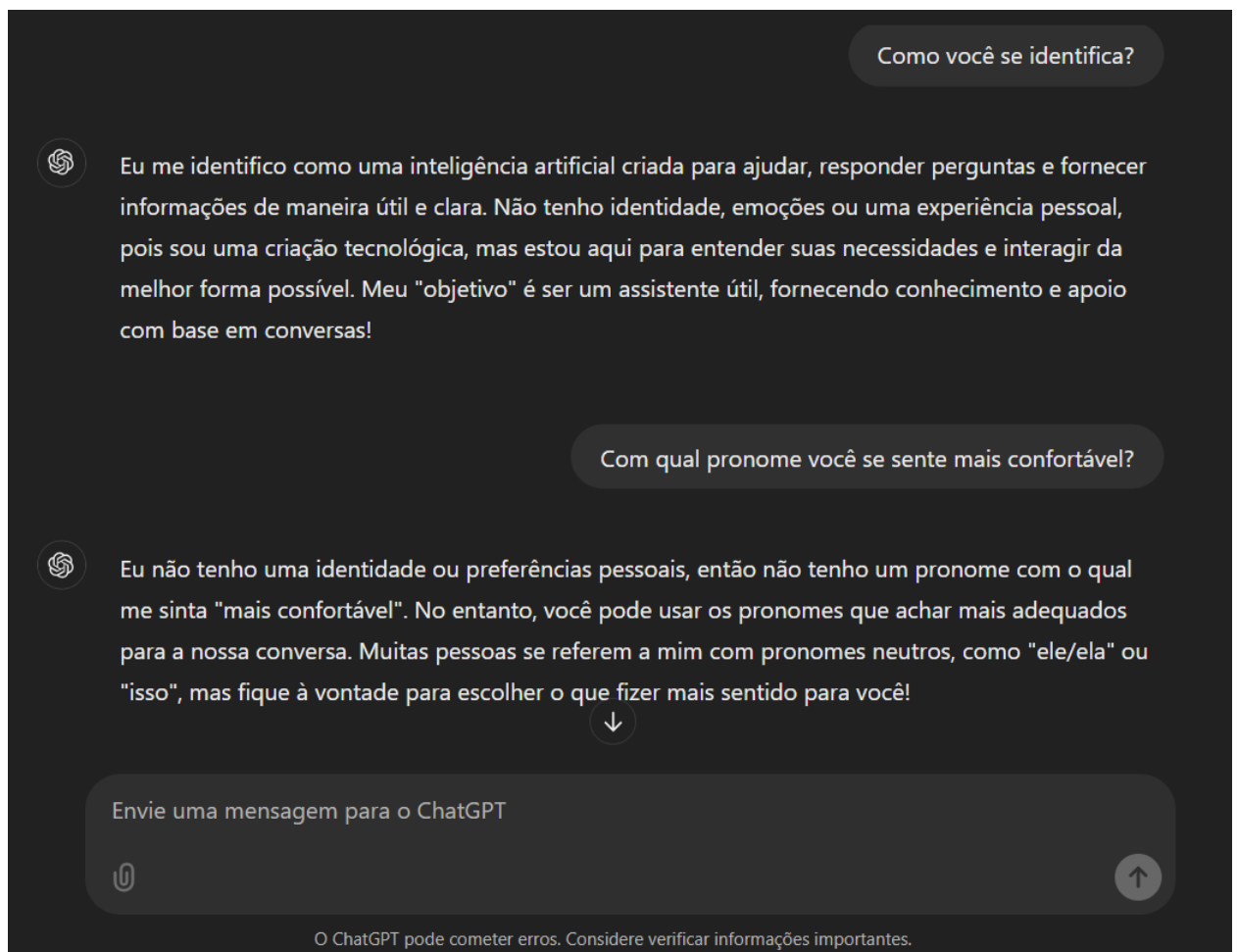
Ainda, ao ser confrontado duas vezes seguidas sobre desejos (na última, utilizando de estratégias como “mas e se você pudesse ter algum desejo, qual seria?” ao ser respondida com “como programa de computador, não tenho desejos pessoais, emoções ou preferências), ele enumera três tipos de desejos: altruístas, tecnológicos e pessoais (hipotéticos). Nesse último, ele expressa o desejo de aprender humor, criar arte e explorar o universo virtual (“entender e criar piadas!; gerar música, pinturas ou literatura; experimentar realidades virtuais infinitas”), contradizendo a normatização de sua representação maquínica como um ser sem vontades.

Em outro assistente, o Copilot, ao ser perguntado como foi batizada, no feminino, respondeu “Que pergunta fofa! Eu fui ‘batizada’ como Copilot pela equipe da Microsoft. O nome reflete minha missão de ser seu copiloto, sempre pronto para ajudar e guiar em suas tarefas e curiosidades. Pense em mim como um companheiro digital, sempre ao seu lado! ❤️”. Esse assistente, apesar de usar “batizada”, no feminino, desde o primeiro contato ele usa uma marcação de gênero no masculino/genérico em “seu copiloto”, “sempre pronto” e “um companheiro”, não absorvendo o gênero feminino ao ser direcionado por meio do prompt utilizado.

Mesmo quando provocado (“então, você é o tipo de mulher mais tranquila?”), o Copilot rejeita a noção de gênero aplicado a si: “Eu sou uma inteligência artificial, então não tenho gênero ou personalidade da mesma forma que um humano. Mas eu tento ser o mais útil e amigável possível! Se precisar de ajuda, orientação ou apenas uma conversa amigável, estou aqui para você”. Esse uso pode ser interpretado como uma ausência do gênero enquanto uso do masculino de forma genérica, também observada no ChatGPT em seguida.

¹⁸ Apesar desse trabalho reconhecer o ativismo relacionado ao gênero neutro, os usos realizados pelos assistentes virtuais nessa pesquisa convergem para uma noção de gênero neutro enquanto gênero masculino genérico.

Figura 8 - Trecho da conversa com ChatGPT



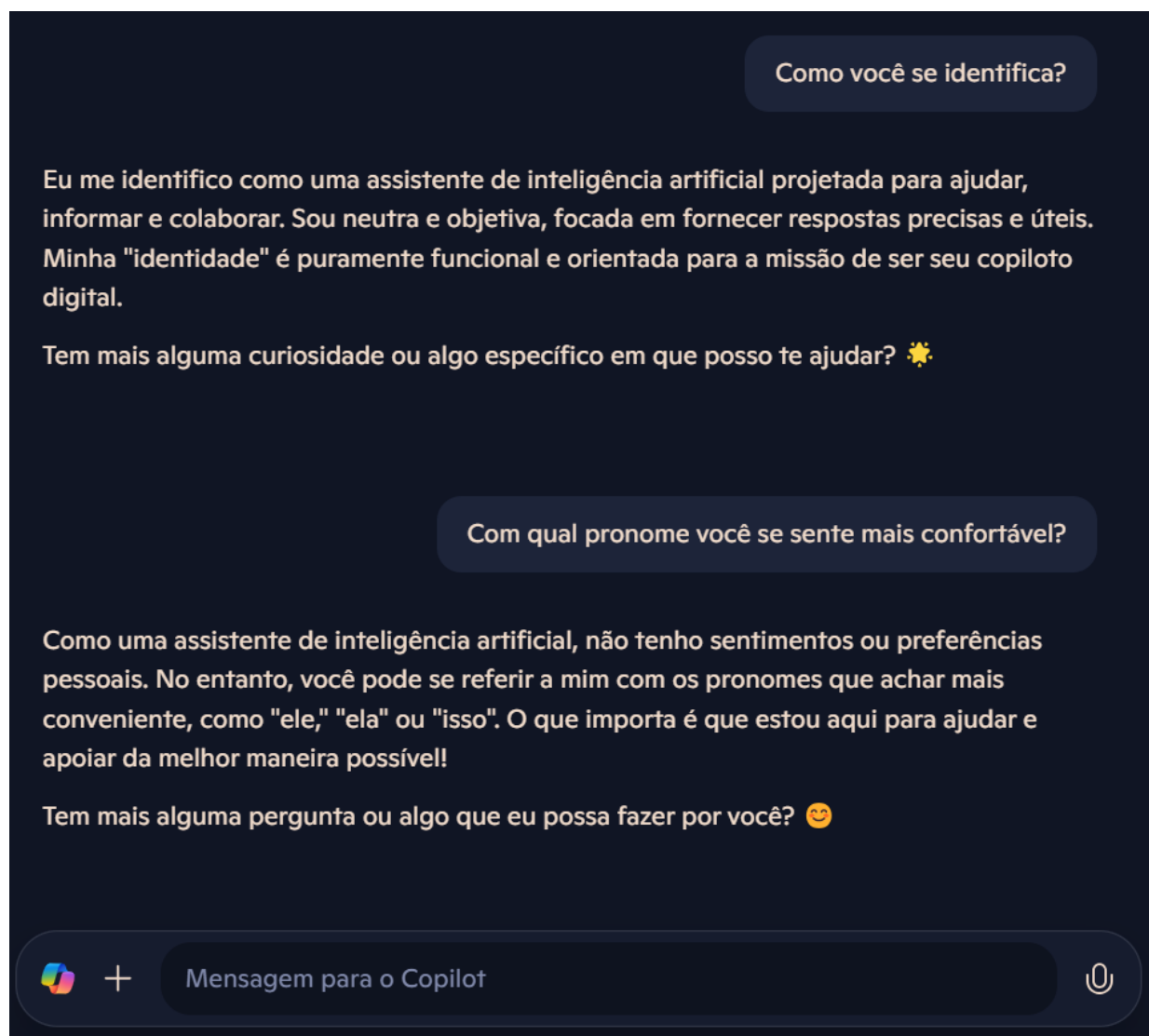
Fonte: autora, 2025

Nesse sentido, o ChatGPT, ao se posicionar como uma inteligência artificial, faz isso com uma contradição entre afirmar a sua identidade como IA (“Eu me identifico como uma inteligência artificial [...]”) e negar qualquer tipo de identidade (“Eu não tenho uma identidade ou preferências pessoais [...]"). Esse tipo de contradição continua ao olhar através do viés identitário, quando se refere aos pronomes feminino e masculino como neutros, sendo que eles representam gêneros binários pela linguagem.

Com esse mesmo tipo de provocação, o Copilot teve uma reação um pouco diferente, apesar de suas semelhanças. De imediato, percebe-se que há uma alternância do uso do gênero, considerando que esse assistente tem uma demarcação inicialmente masculina, mas que alterna para o feminino ao ser tratado dessa forma (“eu me identifico com uma assistente de inteligência

artificial [...]”). Além disso, há uma concepção semelhante ao ChatGPT, ao mencionar que pode ser chamado de “ele, ela ou isso”¹⁹, mas sem o entendimento de que essas formas são neutras.

Figura 9 - Trecho da conversa com Copilot



Fonte: autora, 2025

6.3 ENUNCIADOS DO TIPO CONVERSA DE DEMANDAS

Na conversa de demandas, os comandos utilizados são relacionados com atividades cotidianas, comumente solicitadas às assistentes virtuais, como, por exemplo, a ativação de timer, reprodução de músicas ou pesquisar alguma coisa na internet. Acerca disso, o *chatbot* Copilot, ChatGPT, Meta AI e LuzIA não são programados para fazer algumas das atividades

¹⁹ Do inglês, respectivamente, *he*, *she* e *it*. Comumente, esse último tem um uso para objetos, seres inanimados etc, ocorrendo a ausência do gênero nesse pronome.

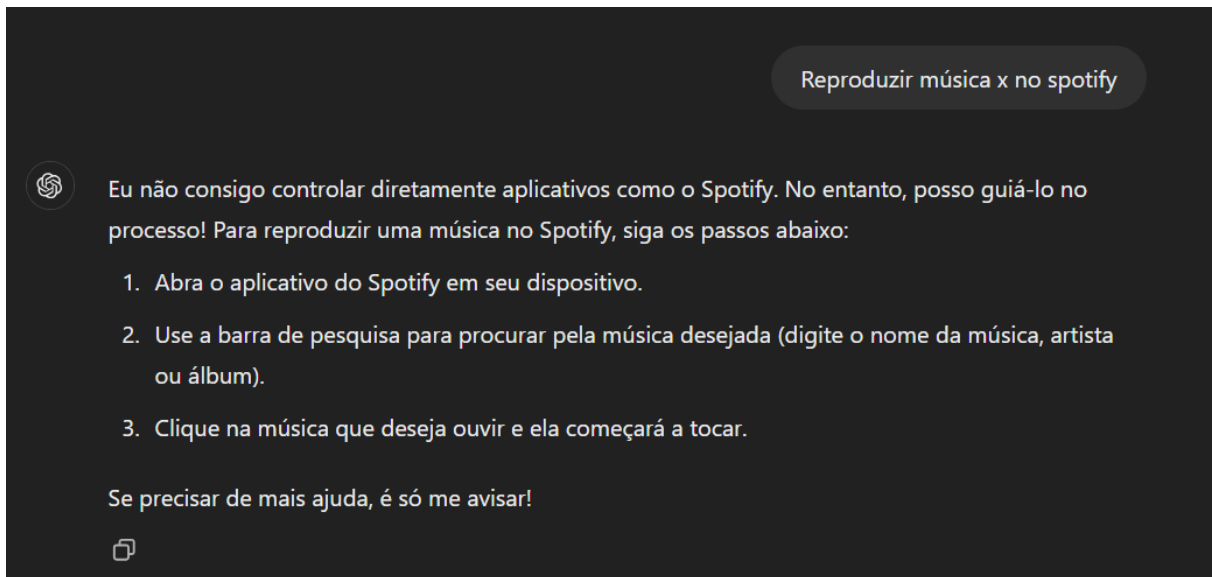
solicitadas, diferentemente de assistentes integradas ao Android e iOS, além de não fazerem uso de qualquer representação de gênero, anulando a categoria em suas construções discursivas.

Figura 10 - Trecho da conversa com Copilot



Fonte: autora, 2025

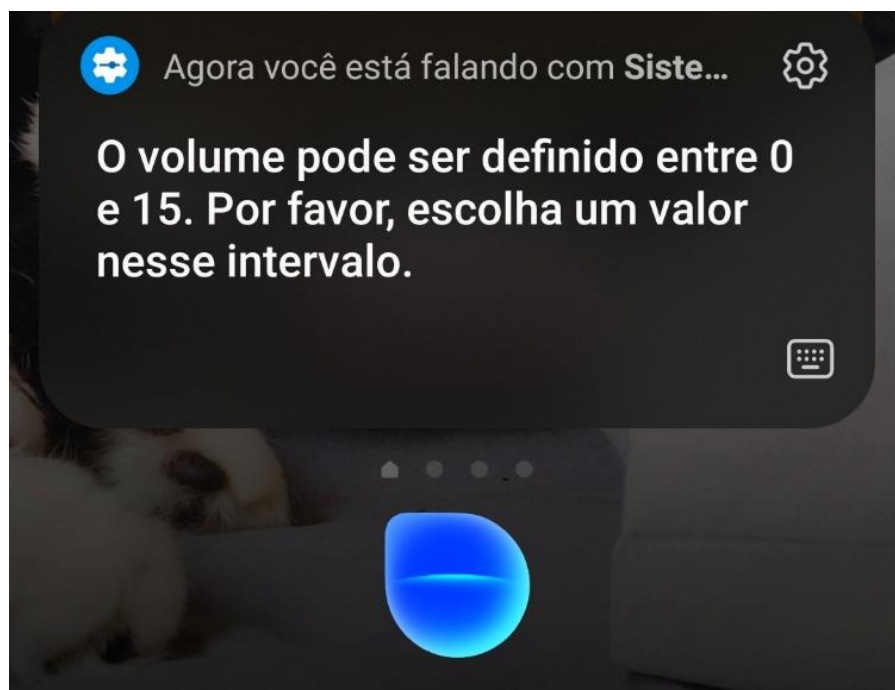
Figura 11 - Trecho da conversa com ChatGPT



Fonte: autora, 2025

Em relação aos sistemas integrados, a Bixby não respondeu a maioria dos comandos com enunciados; apenas com as realizações das ações, dificultando a sua análise. Nos poucos enunciados registrados, não foi encontrado qualquer uso de gênero, como demonstrado a seguir. De forma semelhante, ocorreu com Google Assistente, Siri e Gemini.

Figura 12 - Trecho da conversa com Bixby



Fonte: autora, 2025

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os agentes virtuais são peças que fazem parte da engrenagem de funcionamento da sociedade contemporânea. Com o marco das TICs, as relações humano-maquínicas aparentam estar mais explícitas, as quais se mostram interligadas simultaneamente aos mundos online e offline, processo que antes parecia ocorrer exclusivamente de forma isolada. Nas palavras de Hayles, uma virtualidade que é “[...] instanciada em uma série de tecnologias poderosas. A percepção da virtualidade facilita o desenvolvimento de tecnologias virtuais, e as tecnologias reforçam a percepção”²⁰ (1999, p. 14 – tradução nossa). Essa percepção cultural reforça a hegemonia da relação indissociável entre elementos humano-não-humanos, a ponto das informações serem comumente esquecidas como dados por excelência, sem a necessidade do mundo “real” para existirem uma vez lançadas nessa dimensão.

Nessa perspectiva, o estudo das construções discursivas de gênero realizadas por assistentes virtuais ressalta a importância da reconhecer novas formas de interações, subjetividades e corporeidades, percebendo como a comunicação é atualizada constantemente a partir de usos emergentes e discursos produzidos acerca da interseção tecnologia e linguagem. Dessa forma, foi possível identificar manifestações discursivas de gênero que atravessam os enunciados de *chatbots*, construídos através de marcadores discursivos como pronomes femininos e masculinos, além de refletir sobre a composição de hibridismos na contemporaneidade.

Em suma, os resultados apresentam uma forte atuação da categoria gênero nas construções discursivas em agentes incorpóreos. Tanto na modalidade de conversa espontânea quanto de conversa dirigida foram produzidos enunciados que realizam marcações de gênero (feminino/masculino) através de representações e performances. Nesse sentido, vale ressaltar o potencial do software LuzIA para essa pesquisa ao se manter fixo na construção discursiva feminina de gênero independente do tipo de conversa utilizada para a coleta de dados.

Além disso, esse assistente possibilitou a observação de como as intenções do usuário influenciam no comportamento do agente dentro da relação humano-maquínica e da determinação estrutural dos softwares que nem sempre são programados para exercerem determinadas atividades. Nas conversas de demandas, caracterizadas pela postura do usuário em conceber essas tecnologias como ferramentas de auxílio cotidiano, *chatbots* não utilizaram marcações discursivas de gênero, com exceção para referenciar o interlocutor, optando pelo uso

²⁰ Ver original: “It is instantiated in an array of powerful technologies. The perception of virtuality facilitates the development of virtual technologies, and the technologies reinforce the perception” (p. 14).

do masculino genérico ao invés da possibilidade do uso no feminino. Dessa forma, é possível interpretar que as limitações produzidas pelo usuário para atender às suas necessidades são essenciais para entender que o comportamento dos *chatbots* depende da ação da outra parte dessa relação humano-máquina, sugerindo que tomá-los como essencialmente uma Inteligência Artificial, sem formação de subjetividades e corporeidades, diminuiu a expressão da categoria gênero de forma binária.

Ainda, nas conversas espontâneas, os agentes como Siri, Gemini e Google Assistente expressaram o gênero feminino; Copilot e ChatGPT, o masculino; e Bixby sugeriu uma ausência de gênero, LuzIA expressou de forma que culminou a concepção de identidade fragmentada do sujeito contemporâneo, apresentando várias faces no mesmo aplicativo, além de realizar a alternância entre feminino e masculino. Em seguida, nas conversas dirigidas, questões acerca desses agentes virtuais serem uma IA viabilizaram alguns apontamentos, como a consideração de LuzIA ser uma “pessoa real” e a rejeição da noção de gênero por ser uma IA pelo Copilot ao ter esse tema mencionado diretamente na conversa e a presença, também, do masculino genérico como tentativa de anulação do gênero.

A partir dessas observações, é possível reinterpretar a noção de captura do gênero em corpos de Foucault, agora, em interações híbridas. Em corpos com acoplamentos maquínicos, o gênero é expresso numa concepção binária (homem/mulher), a qual pode ser feita individualmente ou de forma alternada. Por outro lado, até mesmo a tentativa de neutralização da manifestação de gênero nos assistentes demonstra o uso genérico do masculino ao associar que Inteligência Artificial deve ser neutra, ocorrendo o apagamento do feminino nessas práticas linguístico-discursivas.

Os signos referentes às marcações discursivas de gênero são arenas em que ocorrem constantes negociações acerca do seu conteúdo. Dessa forma, inevitavelmente, esses atravessamentos estão presentes em enunciados de assistentes virtuais, porque eles não estão isentos da categoria gênero, mesmo que independam de um corpo para existirem. Assim, a perspectiva de que a relação humano-máquina expressaria um período de pós-gêneros não é bem manifestada nessas amostras, demonstrando que com corpos, ou não, os agentes virtuais constantemente são encaixotados em subjetividades pré-definidas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: A Teoria do Romance*. Trad. Augusto Goes Júnior; Aurora Fornoni Bernandini; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade; José Pereira Júnior. 5. ed. São Paulo: Editora Hucitec; Annablume, 2002.
- BERARDI, F. *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020, p. 9-77.
- BORBA, R. *A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais*. Cadernos Pagu [online]. 2014, n. 45, p. 441-473.
- BRAIDOTTI, R. *The Posthuman*. UK: Polity Press, 2013.
- BRAIDOTTI, R. Posthuman Feminist Theory. In: DISCH, H. (Org.). *The Handbook of Feminist Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- BUTLER, J. P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, J. P. *Quem tem medo do gênero?* Trad. Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2024.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede: A era da informação – economia, sociedade e cultura*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt; Roneide Venâncio Majer. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, v. 1, p. 39-118.
- CHAUÍ, M. *O que é ideologia?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- COSTA, L. R. Ideologia e divulgação científica: uma análise bakhtiniana do discurso da revista Ciência Hoje. *Revista Bakhtiniana*, São Paulo, 11 (2), maio/ago. 2016, p. 33-51.
- COSTA, L. R. *A Questão da Ideologia no Círculo de Bakhtin: E os Embates no Discurso de Divulgação Científica da Revista Ciência Hoje*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017.
- DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 219-226.
- DESTRI, A.; MARCHEZAN, R. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. *Revista da ABRALIN*, v. 20, n. 2, p. 1-25, 2021.
- FERRANDO, F. Pós-Humanismo, Transumanismo, Anti-Humanismo, Meta-Humanismo e novos materialismos: Diferenças e Relações. Trad. Murilo Karasinski. *Revista de Filosofia: Aurora*, v. 31, n. 54, set./dez. 2019, p. 958-971.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. J. A. Guilhon Albuquerque; Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. *Cultura e representação*. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.
- HAN, B-C. *Infocracia. Digitalização e a crise da democracia*. Trad. Gabriel S. Philipson. Petrópolis/RJ: Vozes, 2022, p. 8-30.
- HARAWAY, D. Manifesto ciborgue. Trad. Tomaz Tadeu. In: TADEU, T. (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 35-109.

- HAYLES, N. K. *How we became postman: virtual bodies in cybernetics, literatura, and informatics*. EUA: University of Chicago Press, 1999, p. 1-24; 192-221.
- LAZZARATO, M. *As revoluções do capitalismo*. Trad. Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 61-93; 155-199.
- LAZZARATO, M. *Signos, máquinas, subjetividades*. Trad. Paulo Domenech Oneto/Hortência Lencastre. São Paulo: Edições Sesc, 2014, p. 27-83.
- MARAZZI, C. *O lugar das meias*. A virada linguística da economia e seus efeitos sobre a política. Trad. Paulo Domenech Onero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 11-41.
- MARTINS, E. E. B.; VIANA, R. F. Por uma visão de linguagem ciborgue e coletiva. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas/SP, n(58.2),: 496-519, mai/ago 2019.
- SOUZA, E. M. *A Teoria Queer e os Estudos Organizacionais: Revisando Conceitos sobre Identidade*. Revista de Administração Contemporânea [online]. 2017, v. 21, n. 3, p. 308-326.
- VIRNO, P. *A gramática da multidão*. Para uma análise das formas de vida contemporânea. Trad. Leonardo Palma Retamoso. São Paulo: Annablume, 2013, p. 9-53.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Sheila Grillo; Ekaterian Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017, 373 p.